

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RONI ELTER FELIZ

**O RETORNO AO SAGRADO A PARTIR DE DIETRICH BONHOEFFER:
A CONTRIBUIÇÃO DE BONHOEFFER PARA UMA VIVÊNCIA ÉTICA
ESPIRITUAL RENOVADA NOS DIAS DE HOJE**

São Leopoldo

2016

RONI ELTER FELIZ

O RETORNO AO SAGRADO A PARTIR DE DIETRICH BONHOEFFER:
A CONTRIBUIÇÃO DE BONHOEFFER PARA UMA VIVÊNCIA ÉTICA
ESPIRITUAL RENOVADA NOS DIAS DE HOJE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestrado em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa:

Orientador: Dr. Roberto E. Zwetsch

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F316r Feliz, Roni Elter

O retorno ao sagrado a partir de Dietrich Bonhoeffer : a contribuição de Bonhoeffer para uma vivência ética espiritual renovada nos dias de hoje / Roni Elter Feliz ; orientador Roberto E. Zwetsch.. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
77 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Bonhoeffer, Dietrich, 1906-1945. 2. Sagrado, O. 3. Espiritualidade. 4. Vida cristã. I. Zwetsch, Roberto E. (Roberto Ervino). II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RONI ELTER FELIZ

O RETORNO AO SAGRADO A PARTIR DE DIETRICH BONHOEFFER:
A CONTRIBUIÇÃO DE BONHOEFFER PARA UMA VIVÊNCIA ÉTICA
ESPIRITUAL RENOVADA NOS DIAS DE HOJE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestrado em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Prof. Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch

Prof. Dr. Valério Schaper

Para Dietrich Bonhoeffer (in memoriam)

Ele nos mostrou o que é ser perseverante na fé.

AGRADECIMENTOS

A Jesus, que me ajudou na conclusão deste curso.

À minha esposa Adriana A. Feliz e filhas, Daphne e Gabrielle, que me apoiaram nessa jornada.

Ao meu cunhado Marco Sueitti, que me incentivou.

E ao professor e orientador Roberto Zwetsch que me direcionou na elaboração deste trabalho.

*“[...] a fé é o firme
fundamento das coisas que
se esperam, e a prova das
coisas que se não veem.”*

Hebreus 11.1

RESUMO

O presente trabalho reflete acerca da vida e obra de Dietrich Bonhoeffer, compreendendo o teólogo alemão como modelo de discipulado para a contemporaneidade. Numa era em que os valores estão cada vez mais frágeis, em que a competição se mostra acima de qualquer preferência sobre as relações sociais, além da substituição do Sagrado por valores descartáveis, Bonhoeffer tem muito a oferecer com o seu discurso ético cristão e com a prática deste mesmo discurso através da vivência de uma espiritualidade pessoal profunda e questionadora. Através de pesquisa bibliográfica reflete-se sobre a busca pelo Sagrado a partir de Bonhoeffer, com o subsídio do pensamento de outros teólogos, particularmente, Leonardo Boff e Jean-Yves Leloup, e suas contribuições para a vivência da espiritualidade cristã como forma de (re)aproximação do ser humano com o Sagrado.

Palavras-chave: Dietrich Bonhoeffer. Experiência do Sagrado. Espiritualidade. Fé.

ABSTRACT

This work reflects about the life and work of Dietrich Bonhoeffer, understanding the German theologian as a model of discipleship in contemporaneity. In an era when values are becoming ever more fragile, where competition shows itself above any preference for social relations, besides the substitution of the Sacred for disposable values, Bonhoeffer has much to offer with his discourse of a deep personal and questioning spirituality. Through a bibliographic research we reflect on the quest for the Sacred based on Bonhoeffer with the resource of the thinking of other theologians, particularly, Leonardo Boff and Jean-Yves Leloup, and their contributions to living out the Christian spirituality as a way of (re)approximating the human being with the Sacred.

Keywords: Dietrich Bonhoeffer. Experiencing the Sacred. Spirituality. Faith.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 RETROSPECTIVA BIOGRÁFICA DO POSICIONAMENTO ÉTICO E DA ESPIRITUALIDADE DE DIETRICH BONHOEFFER	13
1.1 A vocação: o jovem se torna teólogo e pastor	16
1.2 Dietrich Bonhoeffer assume a resistência ao nazismo: teologia bíblica, ética e espiritualidade como fundamentos da ação cristã profética	20
1.3 Rumo ao desfecho: a prisão e o martírio	28
2 A EXPERIÊNCIA DEVOCIONAL DE DIETRICH BONHOEFFER COMO FUNDAMENTO DE SUA TEOLOGIA PRÁTICA.....	35
2.1 Sobre o conceito de espiritualidade	38
2.2 A graça preciosa e a graça barata	42
2.3 Discipulado	47
3 O DESAFIO DA CONTEMPORANEIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DE BONHOEFFER PARA UMA VIVÊNCIA ÉTICA ESPIRITUAL RENOVADA NOS DIAS DE HOJE	53
3.1 Primeira etapa: a experiência com o Numinoso.....	54
3.2 Segunda etapa: a <i>metanoia</i>	57
3.3 Terceira etapa: as consolações	61
3.4 Quarta etapa: a dúvida.....	62
3.5 Quinta etapa: a passagem pelo vazio.....	65
3.6 Sexta etapa: o estado de transformação	67
3.7 Sétima etapa: o retorna à vida cotidiana.....	69
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Dietrich Bonhoeffer, teólogo alemão de confissão evangélico-luterana, de família burguesa, mudou os rumos da sua vida a partir da experiência da fé cristã. Sua obra, reflexo da sua vida, é exemplo para os cristãos. Ele não é Jesus Cristo; ele é seguidor/discípulo de Cristo.

A contemporaneidade, no entanto, dá indício de não favorecer o discipulado. Os valores cada vez mais “líquidos”, o consumismo desenfreado, o individualismo no lidar da vida comunitária, se tornam aspectos do cotidiano que isolam o ser humano cada vez mais em si mesmo.

No entanto, essa mesma sociedade “líquida” acaba por chamar pelo “Numinoso” (Rudolf Otto) para superação de crises e dúvidas, ou quaisquer outras agruras do cotidiano. Observa-se, desta forma, uma relação dialética entre negar o Numinoso em favor de uma vida nos moldes da pós-modernidade, e a busca pelo Sagrado para o conforto existencial humano.

O presente trabalho busca em Dietrich Bonhoeffer subsídios para superar as agruras contemporâneas e viver o discipulado cristão como forma desta superação. Em sua metodologia se apresenta de forma bibliográfica, com investigação da revisão de literatura. De acordo com Gil, esta modalidade de pesquisa inclui o material impresso e eletrônico, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos¹.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro faz uma retrospectiva biográfica do posicionamento ético e da espiritualidade de Dietrich Bonhoeffer.

O segundo capítulo trata da experiência devocional de Dietrich Bonhoeffer como fundamento de sua teologia prática. Demonstra as experiências devocionais da sua prática, numa junção com a teologia prática.

O terceiro capítulo traz o desafio para a contemporaneidade: a contribuição de Dietrich Bonhoeffer como inspiração para uma vivência ética espiritual renovada nos dias de hoje. Os sete degraus elaborados por Leonardo Boff e Jean-Yves Leloup, em “Terapeutas do deserto”, tidos como referenciais de espiritualidade, servem de chave de leitura neste trabalho para compreender a

¹ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 29.

prática de Bonhoeffer e como forma de superação dos desafios da contemporaneidade.

A vida e obra de Bonhoeffer, relacionadas aos degraus da espiritualidade, se mostram como forma para se (re)aproximar com o Sagrado, de uma forma crítica, construtiva e desafiadora para a vivência cristã nos dias de hoje.

As citações bíblicas são da “Bíblia de Estudo, Hebraico e Grego”, com tradução de Almeida.

1 RETROSPECTIVA BIOGRÁFICA DO POSICIONAMENTO ÉTICO E DA ESPIRITUALIDADE DE DIETRICH BONHOEFFER

Iniciaremos com uma breve análise da biografia de Dietrich Bonhoeffer na busca por compreender melhor as razões de sua perseverança e posicionamento diante da situação que viveu na Alemanha dos anos de 1930. E o faremos procurando interpretar sua teologia a partir de suas devoções, escritos, pensamento ético e fundamentação teológica. Assim procedendo, esperamos poder traçar um paralelo com os obstáculos do cotidiano nos tempos atuais, na tentativa de demonstrar que é possível um ser humano suportar as afrontas do mundo materialista e injusto, sem abandonar a fé e a fidelidade ao Senhor Jesus.

Em 04 de fevereiro de 1906 nascia Dietrich Bonhoeffer, homem que se tornará conhecido por sua perseverança e devoção a Deus a ponto de entregar sua própria vida à fé cristã em 09 de abril de 1945².

Filho de Karl Bonhoeffer, doutor na área da psicologia, de família abastada e com relativa notoriedade na sociedade alemã, Dietrich Bonhoeffer não parece traduzir bem o que o nome familiar significa: agricultor de feijão, pois é filho da cultura urbana, nascido numa família reconhecida que preservou um memorial na *Michaelskirche* (igreja de São Miguel) onde foram immortalizados nos epitáfios. Por três séculos estiveram dentre as famílias de prestígio da cidade de Schwäbisch Hall. Inicialmente a família desenvolvia o comércio de ourives e em tempos posteriores 78 pessoas que compunham o quadro do conselho municipal e três prefeitos eram da família Bonhoeffer. Havia ainda doutores, pastores, juízes, professores e advogados³.

Paula Bonhoeffer, sua mãe, era professora, também de uma linhagem familiar influente, filha de Karl Alfred von Hase, que foi um capelão militar, e se tornou capelão do imperador da Alemanha e rei da Prússia, Guilherme II. Seu avô paterno, Karl August von Hase, foi um teólogo, escritor, premiado pelo rei Württemberg com títulos de nobreza. Do lado materno, a avó Carla von Hase tinha conhecimento musical, vindo a influenciar a filha que por sua vez exercerá

² MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 9; 97.

³ METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 15.

um papel importante na família de Dietrich, conhecida como família de músicos e artistas, neta de conde e condessa. O avô foi também um pintor conhecido de paisagens alpinas, foi diretor de uma escola de arte do grão-ducado de Weimar, enquanto o tio de Paula, conde Leopold Kalkreuth, ligado à pintura como herança do pai, terá suas obras expostas nos museus da Alemanha (Von Hase).

A família de Dietrich Bonhoeffer, portanto, tinha ligações estreitas com a corte do imperador em Potsdam. A tia de Paula, Pauline, ocupava um cargo de dama de honra da princesa Vitória, esposa de Frederico III⁴.

Dessa união entre Paula von Hase e Karl Bonhoeffer, que ocorreu em 5 de março de 1898, nasceram 8 filhos, sendo o primeiro Karl Friedrich, em 13 de janeiro de 1899, enquanto no mesmo ano, em 10 de dezembro, nasce Walter. O próximo filho Klaus nasce em 1901, enquanto Ursula nasce em 1902, seguida por Christine em 1903. Dietrich Bonhoeffer nasceu no dia 4 de fevereiro de 1906 junto com sua irmã gêmea, Sabine, que veio ao mundo quatro minutos após o irmão. A ligação forte entre os dois permanecerá para sempre, o que se pode perceber na ampla correspondência da prisão que Dietrich legou à família e à posteridade. Por fim, em 1909 nasce a caçula, Suzanne.

Todas as crianças da família Bonhoeffer nasceram na mesma cidade de Breslau, Rua Birkenwaldchen n° 7, local onde o pai de Dietrich exercia sua função profissional como psiquiatra e neurologista, tido como um dos principais médicos da Universidade e onde também exercia o cargo de diretor do hospital para doenças relacionadas ao sistema nervoso. Em 1912, o pai se transfere para Berlim, onde se tornará uma das mais notórias autoridades na área de psiquiatria. A casa da família compunha um quadro de vários funcionários a fim de suprir as necessidades do lar⁵.

Paula era uma mãe presente, acompanha a formação educacional e cultural das crianças, até aos oito anos de idade fazia questão de cuidar educacionalmente dos filhos de forma exclusiva. Compartilhava hinos, poemas e canções populares, ensinava aulas de música. Sua presença foi tão marcante que, anos mais tarde, uma neta, Renate Bethge a reconheceu como a alma e o espírito do lar⁶.

⁴ METAXAS, 2011, p. 14.

⁵ METAXAS, 2011, p. 17.

⁶ METAXAS, 2011, p. 18.

Como se pode observar em sua descendência, a família de Dietrich Bonhoeffer exerceu forte influência em sua vida e formação, pois ele podia desfrutar das regalias que muitos seres humanos gostariam de ter tido, pois era uma família com bom poder aquisitivo e boa formação cultural. Entretanto, apesar disso surge o primeiro obstáculo para a decisão de uma pessoa, isto é, abrir mão das regalias e caminhar dentro da ética cristã em tempo de perseguição. Dietrich faz esta escolha quando ainda na sua adolescência. O próprio Jesus reconhece este obstáculo quando, em Mateus 19.16ss, disse a um jovem rico: “se quiseres ser perfeito, vai vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem, e segue-me”. Dietrich, como veremos mais adiante, irá recordar como sua descendência influenciou certas conquistas, pois seus pais deixariam aos filhos o que já haviam conquistado.

Seu primeiro pensamento em saber das coisas de Deus se deu aos quatro anos de idade, quando perguntou à mãe: “O bom Deus ama o limpador de chaminés?” e “Deus também se senta para almoçar?”⁷. Por volta de seus oito anos, mesma data da primeira guerra mundial, os Bonhoeffer haviam perdido dois primos da família na guerra, e o pequeno Dietrich se imaginava como era estar morto, chegando a mencionar em seu diário o assunto: “teria gostado de morrer jovem, de uma morte piedosa bonita. Todos deveriam ver e sentir que a morte não é horrível, mas sim bonita para quem crê em Deus”⁸.

O ensino religioso inicial foi conduzido por sua mãe, que repassava aos filhos a ortodoxia eclesiástica. Certa feita, no início da primeira guerra mundial (28/07/1914), Dietrich Bonhoeffer estava lendo um livro sobre “*Heróis do Cotidiano*”, que retrata a vida de pessoas que salvam outras. Certamente esta obra pode tê-lo influenciado em sua formação cristã. O altruísmo era a base dessa família, que conseqüentemente influenciou na formação de Dietrich. Os lemas diários dos morávios de Herrnhut serviram de devocionais e o seguiram até o fim⁹.

Percebe-se pela história familiar que, em relação à educação, a família tinha como preceito viver aquilo que de fato acreditava, principalmente na

⁷ METAXAS, 2011. p. 20.

⁸ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 15.

⁹ METAXAS, 2011, p. 21. O livro *Senhas diárias*, da irmandade de Herrnhut, é publicado anualmente pela Editora Sinodal de São Leopoldo.

questão da religiosidade, que estava presente, sobretudo, na vida da mãe Paula. Quanto ao pai, ele habituou os filhos a falarem somente quando realmente tivessem algo a dizer¹⁰.

Durante a primeira guerra, a escassez de alimento também chegou aos Bonhoeffer¹¹. Faltando um ano para o fim da guerra, que ocorreria em 11 de novembro de 1918, seu irmão Walter se alistou no exército, vindo a morrer em combate faltando sete meses para o fim da 1ª Guerra Mundial¹².

Diante desse triste acontecimento, no funeral, Dietrich tocou hinos, sendo o primeiro “*Jerusalem, du Hochgebaude Stadt*”, que recita a saudade da cidade celestial onde o Senhor nos aguarda para enxugar nossas lágrimas¹³.

Conforme Werner Milstein, esse acontecimento pôde ter despertado o interesse de Dietrich em querer estudar teologia, pois ele já participava de atividades eclesiais. Ao concluir o ensino médio, durante os estudos foi questionado sobre o que gostaria de fazer profissionalmente, vindo a responder de forma tímida: “teologia”¹⁴.

1.1 A vocação: o jovem se torna teólogo e pastor

Quando Dietrich tornou visível tal decisão, seu pai, que era uma pessoa resistente às coisas não observáveis através dos sentidos, lhe disse “que estava desperdiçando seus talentos, pois a igreja lhe parecia um clubete antiquado e mesquinho”. Diante do comentário, o jovem respondeu: “então eu vou reformar a igreja”¹⁵.

Esta breve retrospectiva biográfica, mesmo de forma parcial e fragmentada, demonstra que Dietrich desencadeou uma busca pela resposta de Deus de forma a entender o porquê de tudo. Colocando em prática sua decisão, ele inicia seu estudo teológico na Universidade de Tübingen em 1923, onde seu pai já havia estudado¹⁶. Entretanto, nesse mesmo ano sofreu um acidente de

¹⁰ METAXAS, 2011, p. 22; 73.

¹¹ METAXAS, 2011, p. 32.

¹² METAXAS, 2011, p. 37.

¹³ METAXAS, 2011, p. 38.

¹⁴ MILSTEIN, 2006, p. 17.

¹⁵ MILSTEIN, 2006, p. 18.

¹⁶ METAXAS, 2011, p. 53.

patinação sendo obrigado a interromper os estudos¹⁷. Ao completar dezoito anos, seus pais o presentearam com um período de estudo teológico em Roma e foi aí que começou a ter um conceito sobre o que é igreja, a ponto de anotar em sua agenda: “Acho que estou começando a compreender o conceito ‘igreja’”¹⁸.

Dietrich Bonhoeffer tinha um temperamento acessível, era uma pessoa aberta ao novo, tinha uma visão ampla sobre estímulos e impulsos. Gostava de se relacionar, de se divertir, ia aos teatros, cinemas, acompanhava as tendências da moda, ou seja, não era uma pessoa como a maioria dos estudiosos dessa área¹⁹. Essa personalidade favoreceu com que ele mantivesse essa busca do novo dentro do campo teológico, busca que lhe trouxe frutos na ética cristã.

Como se pode ver, foi em Roma, no catolicismo, que encontrou uma de suas bases teológicas, não só teorizada, mas também prática, por haver participado das missas, seminários e cerimônias que envolviam o alto clero e seminaristas. Sua observação da unidade eclesial que envolvia a diversidade étnica lhe chamou a atenção e lhe pareceu próprio à vontade de Deus²⁰.

Ao retornar para Berlim, deu seguimento aos estudos teológicos na Universidade de Berlim, cujo diretor era Adolf von Harnack, teólogo liberal, amigo da família. Em suas exposições, Harnack estabelecia uma relação entre teologia, igreja e Estado. Além de Harnack, outros três professores exerceram influência sobre Bonhoeffer: Karl Holl, acadêmico luterano, Reinhold Seeberg, professor em teologia sistemática e Adolf Deissman, que encaminhou Bonhoeffer ao movimento ecumênico. Porém, o teólogo que mais influenciou Bonhoeffer foi Karl Barth, crítico da teologia liberal e ao poder político do Estado autoritário (i. e., do nazismo)²¹.

Quando completou 21 anos, escreve sua primeira tese sobre a igreja: *Communio Sanctorum* (A comunhão dos santos), na qual encontramos esta afirmação central: “Igreja é o Cristo que existe como comunidade”²².

¹⁷ METAXAS, 2011, p. 58.

¹⁸ MILSTEIN, 2006, p. 19.

¹⁹ MILSTEIN, 2006, p. 20.

²⁰ METAXAS, 2011, p. 68.

²¹ METAXAS, 2011, p. 74.

²² MILSTEIN, 2006, p. 21. Esta obra está sendo traduzida ao português e será proximamente lançada no Brasil pela Editora Sinodal.

Entende-se que tal afirmação de Dietrich Bonhoeffer teve como respaldo a mensagem sobre a igreja que encontramos nos Atos dos Apóstolos, especialmente a passagem de 4.32, que trata de uma comunhão ímpar na igreja primitiva, pois ela vivia como um só coração, uma só alma e um só ser.

Efetivamente, porém, sua formação pastoral prática aconteceu em Barcelona, na Espanha, pois lá fez estágios entre os anos de 1928 e 1929 em uma comunidade de fala alemã. Suas primeiras pregações ocorreram na paróquia conduzida pelo pastor Friedrich Olbricht, onde ficou hospedado²³.

Em 1930, conseguiu uma bolsa de estudos no *Union Theological Seminary* de Nova York, EUA, e a partir daí este seria o passo para um mundo a ser desbravado e ao que tinha dito ao seu pai quando afirmou que gostaria de reformar a igreja²⁴.

Como vimos, Dietrich desde cedo tinha uma visão de uma igreja junto à sociedade. Em 1930, quando em Nova York, conheceu um professor de teologia que também complementaria esta sua forma de pensar. Tratava-se do teólogo Dr. Reinhold Niebuhr, que ensinou aos seus estudantes a correlação entre fé cristã e atuação social.

O teólogo, colega e amigo Albert Franklin Fischer mostrou-lhe as igrejas da periferia, bem como possibilitou que ele participasse de cultos em uma comunidade negra no famoso bairro do Harlem, o que deve ter causado um forte impacto num teólogo alemão com toda a formação clássica que ele bem conhecia²⁵.

Bonhoeffer buscava a unidade ética visando à paz como fundamento da sua teologia cristã. Jean Lasserre, amigo que conheceu em Nova York, era um francês representante do pacifismo; foi ele quem transmitiu a Dietrich a aplicação do mandamento da paz contido no Sermão do Monte e anunciado por Jesus. Isso lhe pareceu plausível e conseqüentemente acabou convencendo-o dessa forma de luta pela paz a ser aplicada pelo ser humano, como escreverá na prisão de Tegel, e que se tornou objetivo para sua existência: “Aprender a crer”²⁶.

²³ METAXAS, 2011, p. 90.

²⁴ MILSTEIN, 2006, p. 22.

²⁵ MILSTEIN, 2006, p. 24.

²⁶ MILSTEIN, 2006, p. 25.

Do mesmo modo, Bonhoeffer irá afirmar que aprender a crer compete a todos os seres humanos, isto é, crer em um Deus no qual encontramos a esperança vindoura. Jesus menciona no Evangelho de Mateus 5.3ss, que devemos aprender a viver esta fé, mesmo sendo pobres de espírito, sofrendo injustiça, com fome de justiça, e mesmo perseguidos; devemos crer e nos mantermos mansos, misericordiosos, puros de coração, sendo pacificadores, a fim de assim alcançar o reino dos céus.

Certamente, como até aqui analisado, foi essa teologia e fé que sustentaram Dietrich Bonhoeffer no momento em que, já durante a perseguição nazista, foi transferido para Flossenburg, rumo ao local utilizado para dar fim à sua existência terrena. É importante observar como justamente lá desponta uma rara compreensão da escatologia cristã, como escreverá ao bispo George Bell: “Para mim chegou o fim, mas é também o início”²⁷.

No ano de 1932, quando lecionava na Universidade de Berlim, intitulou sua preleção do semestre de verão: “A essência da igreja”²⁸. Para Bonhoeffer, Jesus Cristo é o ponto central de suas reflexões cotidianas e que pode ser experimentado concretamente e de forma viva na *ecclesia*.

Ele era um professor no âmbito profissional e pastor na esfera eclesiástica, exercendo ambas as tarefas simultaneamente. Na comunidade eclesial, cuidou de um grupo de jovens (confirmandos) muito indisciplinados, com os quais o pastor local não conseguia trabalhar. Nesse lugar aprendeu a exercer a passividade que ouvira de Jean Lasserre. No primeiro dia, enfrentou grande desordem e vozerio, enquanto os jovens lançavam papéis amassados sobre ele. Entretanto, de maneira pacífica e serena ele conseguiu conduzir aqueles bagunceiros fazendo deles discípulos no futuro²⁹.

Um fato ajuda a perceber esta sua pedagogia acertada. Chegado a tão esperada formatura dos confirmandos em 13 de março de 1932, em sua mensagem evangélica, ele disse: “Ninguém jamais deverá tirar de vocês a fé que Deus preparou para vocês um dia, um sol e um alvorecer e que Ele nos guia em direção deste sol que se chama Cristo, que Ele nos permite ver a terra prometida

²⁷ MILSTEIN, 2006, p. 97.

²⁸ MILSTEIN, 2006, p. 27.

²⁹ MILSTEIN, 2006, p. 25.

na qual existem justiça, paz e amor, porque Cristo governa [...]”³⁰. Logo depois, dando continuidade a essa missão, encontrava-se com esses jovens em uma casa que construiu em Biesenthal, fora de Berlim.

Em 1931, por convite do superintendente Max Diestel, este pediu que o representasse na conferência da Aliança Mundial em Cambridge, que teve como tema “Ação fraterna de igrejas”, que surgiu no contexto da Primeira Guerra Mundial. Para Bonhoeffer, a fé e a ação devem caminhar de mãos dadas, pois a igreja é quando Cristo assume forma concreta. Entretanto, ele tinha algumas reservas quando aos movimentos ecumênicos de “fé e ordem”,³¹ nos quais a ordem diz respeito à razão, e essa razão não poderia sobrepor-se à ação social.

1.2 Dietrich Bonhoeffer assume a resistência ao nazismo: teologia bíblica, ética e espiritualidade como fundamentos da ação cristã profética

Em 1932, Adolf Hitler é eleito pela maioria alemã, assume a liderança do Partido Nacional-Socialista e, em 30 de janeiro de 1933 após a renúncia do governo, se torna Chanceler do Império Alemão, e com ele as propostas de pureza étnica, a defesa em prol lei Ariana, o revanchismo em relação aos acontecidos da Primeira Guerra Mundial e domínio do continente e, por fim, o domínio do mundo. Fazer do planeta um só reino era sua ideologia.

Dois dias após Hitler assumir o império alemão, Dietrich Bonhoeffer fez uma meditação através do rádio ao constatar que as pessoas estavam idolatrando o líder. O título é sugestivo de sua visão sobre o novo líder político do povo alemão: “O *Führer* e o indivíduo da nova geração”, que foi imediatamente interrompida. Nela, ele afirmou: “Se o *Führer* se deixar levar pelos governados a ser o seu ídolo, o governado sempre esperará isso dele, a imagem do líder descambará para a do tentador [...] governante e governo que se divinizam afrontam Deus”³².

Dia após dia, o *Führer* estabelecia suas leis de forma impositiva, sendo que no dia 27 de fevereiro de 1933, houve um incêndio causado pelos próprios social-nacionalistas, porém, foi acusado um ativista antifascista de extrema

³⁰ Apud MILSTEIN, 2006, p. 30.

³¹ MILSTEIN, 2006, p. 32.

³² Apud MILSTEIN, 2006, p. 35.

esquerda, Marinus van der Lübbbe, que fazia parte de um grupo de oposição operária de esquerda (LAO), grupo que havia incendiado anteriormente prédios estatais por ser contrário ao governo de Hitler. Diante desses fatos, com o “Decreto para proteger o povo e o Estado”, o *Führer* estabelece a extinção à liberdade de imprensa e de organização de grupos³³.

Outra decisão marcante foi o “Decreto para Recomposição do funcionalismo público”, também conhecido como Lei Ariana³⁴. Com este decreto inicia-se uma perseguição ao povo judeu, que começa a ser demitido de seus empregos, excluído do convívio social, boicotado em seus comércios, perseguido pelo povo e pelo serviço e inteligência alemã (SA, tropa de assalto de Hitler chamado de *Sturmabteilung*) e até morto³⁵. Ao final desse período conhecido como Terceiro Reich, seis milhões de judeus foram perseguidos e executados. Esta tragédia humana sem precedentes iria de encontro à dogmática cristã como Dietrich Bonhoeffer a entendeu e seguiu. Pois para ele Deus não faz acepção de pessoas (Deuteronômio 1.17; Atos 10.34 e outros).

Eric Metaxas comenta que Lutero influenciou o posicionamento dos alemães em relação aos judeus: “Três anos antes de Lutero morrer, defendeu a prática de ações contra os judeus, como incendiar suas sinagogas e escolas, destruir suas casas, confiscar seus livros de oração, tomar seu dinheiro e colocá-los em serviço forçado”³⁶. Lutero tinha problema com os judeus devido à indiferença dessa etnia em relação a Cristo e ao rejeitar as tentativas para sua evangelização. Esta é uma das páginas mais tristes da herança teológica de Lutero!

Bonhoeffer foi um dos primeiros teólogos a se pronunciar com respeito à Lei Ariana; ele trouxe para o debate o tema sobre a “Igreja e a questão dos judeus”,³⁷ partindo desse tema como forma de questionar a legitimidade do Estado, o comprometimento da igreja com relação aos judeus e outros perseguidos pelo Estado, sendo religiosos ou não, e por último, o seu envolvimento a ponto de dar sua vida na resistência ao totalitarismo do regime de Hitler. No caso de sua crítica à Lei Ariana, seu ato foi repudiado pelos líderes

³³ MILSTEIN, 2006, p. 35

³⁴ METAXAS, 2011, p. 165

³⁵ METAXAS, 2011, p. 171.

³⁶ METAXAS, 2011, p. 104.

³⁷ METAXAS, 2011, p. 166.

religiosos presentes, os quais deixaram o recinto em protesto. Bonhoeffer, entretanto, deixou claro sua convicção ética devocional e espiritual a respeito do que Deus através de Jesus Cristo pede aos que querem viver a partir da fé. Escreveu nessa ocasião: “Eu creio que toda a cristandade precisa orar conosco, para que haja uma ‘resistência até o sangue’ e para que se encontre pessoas que suportem isso”³⁸.

Martin Gilbert descreve que durante os ataques dos alemães, ainda no avanço à Polônia, casas foram incendiadas e o hospital para crianças judias deficientes foi completamente destruído. Nessa época, judeus já passaram a ser executados sem a menor das considerações humanas, ato de crueldade sem limites³⁹.

Em 23 de julho de 1933, Bonhoeffer havia perdido uma proposta eletiva que daria o cargo ao bispo Ludwig Müller como bispo do império, sendo assim ficou a igreja submetida ao regime nazista, fato contra o qual ele protestou veementemente, mas sem sucesso. A partir daí Bonhoeffer se desvinculou dos líderes religiosos que cederam ao governo e se prostravam diante dele. Junto com outros líderes que resistiram, Bonhoeffer participou da criação da Igreja Confessante (*Bekennisskirche*), que iria desempenhar um papel muito importante na resistência ao regime nazista e sua ideologia totalitária a partir da fé e da ética cristã. Ele se envolveu também na criação de um projeto que protegia pastores judeus, sempre apontando para comunhão unitária⁴⁰.

A criação, em 1935, de um seminário clandestino em Finkenwalde, no âmbito da Igreja Confessante e com poucos recursos, proporcionou um local para o ensino preparatório à pregação cristã nesses tempos sombrios. O seminário tornou-se um lugar de vida devocional intensa, através da leitura da Bíblia e orações, além de muito empenho no estudo teológico. Bonhoeffer tornou-se praticamente o esteio dessa experiência, muito bem descrita no seu pequeno livro *Vida em comunhão*⁴¹. Ao lado do Seminário, foi criada a casa fraterna com objetivo inicial de acolher cinco seminaristas liberados pela igreja, os quais exerciam um ministério junto às comunidades vizinhas representando a Igreja Confessante e sua teologia. Mas não demorou a circular as informações a

³⁸ Apud MILSTEIN, 2006, p. 38.

³⁹ GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: D. Quixote, 2014. p. 10-11.

⁴⁰ MILSTEIN, 2006, p. 40.

⁴¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. 7ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

respeito desse seminário, que foi mais tarde descoberto e destruído pelos soldados da SS nazista⁴².

Hitler, ainda nesse ano, adequa sua política eclesiástica, reorganiza a instituição, cria uma comissão das igrejas formadas pelos teuto-cristãos (apoiadores do ditador!) e aqueles que se consideravam neutros, objetivando neutralizar grupos opositores ao governo. Os cristãos da Alemanha defendiam a junção da Igreja Cristã do país às igrejas comandadas pelo *Führer*. A lei para a Segurança da Igreja Evangélica foi aplicada com mais rigor fechando seminários e outros opositores. Como já referido acima, o seminário dirigido por Bonhoeffer, dois anos mais tarde, também foi fechado pela Gestapo, a Polícia Secreta do Estado, organização que investigava, torturava e prendia opositores ao regime nazista, principalmente entre os anos de 1933 a 1945. Bonhoeffer começou a ser perseguido por não concordar com a forma de liderança de Hitler, de modo que o rompimento eclesiástico foi inevitável⁴³.

Para Bonhoeffer, o cristão deveria suportar e resistir à forma de governo totalitário de Hitler por ser contrária à ética cristã, mesmo que isso custasse a vida⁴⁴. Como sabemos, muitas pessoas cristãs deram a vida na resistência ao nazismo, entra as quais Bonhoeffer ficou como um dos mais conhecidos. Para ele, a salvação era algo inegociável, dizia respeito somente ao sacrifício de Jesus que fez a vontade de Deus, como testemunham as Escrituras Sagradas (João 19.30). Na cruz, Jesus antes de morrer tomou vinagre e disse: “Está consumado”. Neste sentido, Bonhoeffer optou em seguir o exemplo do Mestre, o qual se entregou por amor às pessoas, tornando-se um pacifista, enquanto muitos líderes eclesiásticos optaram por ceder às barbáries de *Führer*, buscando apenas preservar o poder.

Realmente, a visão da teologia oficial mostrou-se contrária à ética cristã. Metaxas traz uma citação de Hitler sobre a sua forma de pensar:

Temos a desgraça de que a nossa religião não nos convém. Por que não temos a religião dos japoneses, cuja aspiração máxima é o sacrifício pela pátria? Para nós a religião maometana teria sido melhor que o cristianismo, uma religião frouxa e paciente.⁴⁵

⁴² MILSTEIN, 2006, p. 48.

⁴³ MILSTEIN, 2006, p. 54.

⁴⁴ MILSTEIN, 2006, p. 58.

⁴⁵ Apud METAXAS, 2011, p. 180.

Bonhoeffer, em consequência de suas posições e de sua coerência, foi rejeitado por muitos devido ao fato de se compadecer do povo judeu na Alemanha e países vizinhos. Os judeus foram brutalmente perseguidos e mortos com requintes de barbárie pelo governo nazista. Aconteceu que vários seminaristas e pais de seminaristas se afastaram de Dietrich devido a sua postura. Para ele, o povo judeu ou qualquer outra etnia era parte da família de Deus, aliás, todas as pessoas faziam parte dela e também desfrutavam dos direitos por meio de Jesus, como afirma João 1.12: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”. Essas afirmações cristãs já estavam enraizadas na vida e no coração de Bonhoeffer.

Ele lutou heroicamente contra essa força opositora à ética cristã, se esforçou em prol dos desfavorecidos e perseguidos, algo que o nazismo queria exterminar. Por exemplo, sabe-se que cuidou pessoalmente de um pastor judeu que foi espancado pela SA (tropa de assalto de Hitler, a *Sturmabteilung*), encaminhando-o à emigração para libertá-lo. Chegou a fazer uma afirmação contundente a respeito: “Somente quem grita em favor dos judeus tem direito a cantar gregoriano”⁴⁶. Claro que esta afirmação foi devida à etnia alvo do *Führer*, mas poderia ser atribuída a qualquer desfavorecido, como se pode encontrar em outra citação: “A igreja só é igreja se ela existir para os outros”⁴⁷. Isto significa que, para Bonhoeffer, a solidariedade deve estar no foco do cristão e da sua ação ética.

O antissemitismo incorporado pelo governo nazista era totalmente contra a ética cristã, o ódio aos judeus era uma via que se colocava na contramão das Escrituras Sagradas, pois nelas Jesus ensinou que se deve amar o próximo como a nós mesmos. Esse amor é que cumpre exclusivamente a lei de Deus. Essa visão para Bonhoeffer era algo pelo que se deveria combater a qualquer custo, mesmo que isto custasse a própria vida. Em 23 de julho de 1936, ele se manifesta em um ato corajoso ao fazer uma publicação contra o antissemitismo do regime nazista: “Se, no marco da cosmovisão do nacional-socialismo, é imposto aos cristãos o antissemitismo, que obriga ao ódio aos judeus, esses

⁴⁶ Apud METAXAS, 2011, p. 57.

⁴⁷ Apud METAXAS, 2011, p. 57.

precisam contrapor o mandamento do amor ao próximo”⁴⁸. O resultado dessa ousadia e coragem de Bonhoeffer desencadeou a prisão de Friedrich Weissler, conselheiro jurídico da Igreja Confessante que guardava as cópias da citação de Bonhoeffer. Weissler morreu sob tortura da SS (força de proteção a Adolf Hitler, chamada de *Schutzstaffel*) tornando-se o primeiro mártir da Igreja Confessante na Alemanha. Nessa ocasião também ocorreu a prisão de Werner Koch, representante do jornalismo das igrejas, e ainda de um terceiro pastor. Em 29 de abril de 1937, o seminário em Finkenwalde foi fechado pela Gestapo. Mas Bonhoeffer deu continuidade ao trabalho em outro endereço, uma casa que estava vazia da quinta de Sigurdshof, Pomerânia. Mesmo assim, novamente o seminário foi fechado pela Gestapo e com prisões de outros seminaristas. A permanência de Bonhoeffer se tornou insustentável, no entanto, seu pai através de influência política conseguiu que Dietrich permanecesse em Berlim⁴⁹.

A perseguição do *Führer* aos judeus foi tão agressiva que o dia 09 de novembro de 1938 foi chamado de “Noite de Cristal”, devido ao fato de várias sinagogas terem sido incendiadas simultaneamente. Bonhoeffer chegou a fazer uma anotação neste dia em sua Bíblia, Salmo 74, com a seguinte citação: “Queimam todos os lugares santos de Deus na Terra”⁵⁰. Sua indignação, porém, foi contra o silêncio das igrejas, pois os indefesos de Jesus Cristo ficaram indefesos.

De várias formas o *Reich* nazista tentou calar Dietrich Bonhoeffer. No 50º aniversário de Hitler a Igreja dominada por ele fez com que todos os líderes eclesiásticos jurassem lealdade ao *Führer*. A convocação de Dietrich para servir o exército alemão aconteceu nesse momento, entretanto, por influência novamente de seu pai, ele conseguiu tornar inválida a convocação⁵¹.

Bonhoeffer teve também uma oportunidade única de sair da Alemanha para ficar definitivamente nos Estados Unidos. Foi convidado por amigos, Reinhold Niebuhr e Paul Lehmann, a viajar para aquele país, o que se concretizou em junho de 1939. Sua mente sempre focava a palavra de Deus e como um pacifista sempre se deparava em seus pensamentos com amigos que estavam morrendo na Alemanha. Diante do convite para permanecer nos EUA, o

⁴⁸ Apud MILSTEIN, 2006, p. 57.

⁴⁹ MILSTEIN, 2006, p. 57.

⁵⁰ Apud MILSTEIN, 2006, p. 61.

⁵¹ MILSTEIN, 2006, p. 61

que lhe asseguraria uma vida mais tranquila em tempos de guerra, em suas palavras ele se questionava: “Não vamos perseverar na causa da igreja sem sacrifício?”⁵² Por isto, dois meses depois resolveu voltar, mesmo sabendo do risco que correria, como explica a um amigo: “Depois da guerra, eu não terei direito de participar na reconstrução da vida cristã na Alemanha se eu não compartilhar agora das privações pelas quais passa o meu povo”⁵³.

Um texto bíblico perseguia Bonhoeffer, era 2 Timóteo 4.21: “Apressa-te a vir antes que chegue o inverno”, citação de Paulo a Timóteo. Ele se considerava desafiado a não abandonar sua raiz e seu povo, sabia que sua motivação piedosa nada valeria se não aplicasse sua referência ética na vida. O que se pode perceber é que havia uma inquietação em seu coração. Ele tinha informações privilegiadas do que acontecia em seu país, através de seu cunhado Hans von Dohnanyi, que lhe informava sobre os acontecimentos. Sentiu que era a hora de se atirar nos raios da roda, para enfrentar um sistema político que estava devastando diferentes etnias (judeus, ciganos, mas também pessoas com deficiência, homossexuais e outras). Sua teologia e a ética cristã estavam prestes a ser aplicadas ao se colocar do lado do mais fraco, assim como Jesus. Ele tinha plena convicção das consequências de se opor a um sistema que se contrapunha às Escrituras Sagradas e que se revelava cada dia mais poderoso. Chegou a escrever em forma de questionamento anos mais tarde referindo-se aos momentos em que tudo parecia ruir: “Ainda temos serventia?”⁵⁴ Seu argumento partia de uma verdadeira autocrítica:

Fomos testemunhas mudas de atos maus, tornamo-nos rudes, aprendemos a arte de simular e a fala de duplo sentido, a experiência tornou-nos desconfiados em relação às pessoas e, muitas vezes, lhes ficamos devendo a verdade e a palavra livre; por causa dos conflitos insuportáveis tornamo-nos frágeis e talvez até cínicos - ainda temos serventia? Não gênios, nem cínicos, nem pessoas que desprezam os seres humanos, tampouco estrategistas refinados, mas pessoas singelas, simples e retas são o que precisaremos. Será que a nossa capacidade interior de resistência permaneceu forte o suficiente diante do que nos foi imposto e nossa retidão contra nós mesmos terá deixado de nos poupar o suficiente a ponto de reencontrarmos o caminho da simplicidade e da retidão?⁵⁵

⁵² Apud MILSTEIN, 2006, p. 62.

⁵³ Apud MILSTEIN, 2006, p. 62

⁵⁴ Apud MILSTEIN, 2006, p. 64.

⁵⁵ Apud MILSTEIN, 2006, p. 65.

Em 1º de setembro de 1939 é dado o *start* para o mais cruel massacre que a humanidade já presenciou. Começa a Segunda Guerra Mundial, a Polônia é invadida pelos alemães, que a cada dia conquistavam mais espaço enquanto o *Führer*, mais poder. Os líderes religiosos, por sua vez, rendiam cultos de ação de graça a Hitler, “maior estrategista de todos os tempos”⁵⁶, e isso para a visão bíblica era contraditório. Paulo em Romanos 13.8ss proclama, em nome de Cristo, o amor para com o próximo, e não a guerra ao próximo.

Ao retornar para a Alemanha após a breve estadia em Nova York, Dietrich Bonhoeffer retoma suas atividades seculares, exercendo o ministério na Igreja Confessante, atuando também em comissões teológicas. Ao retornar de uma conferência de pastores, enquanto desfrutava de um bate-papo, ouviu-se uma comissão de fanfarras que, retumbante, pronunciava a conquista da França, as pessoas estavam felizes e cantavam: “Alemanha, Alemanha acima de tudo”⁵⁷. Isto não ressoou muito bem aos ouvidos de Bonhoeffer, pois ele sabia o que a Escritura Sagrada proclamava nos evangelhos como o primeiro mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças, e de todo teu entendimento” (Lucas 10.27). Dizer que a Alemanha ou o *Führer* está acima de tudo, como isto é possível? Com certeza, para alguém que tinha a convicção de ser um autêntico cristão não seria possível aceitar uma afirmação como essa.

Em 1933, diante do posicionamento de Hitler, Bonhoeffer escreveu a respeito de um único Deus:

A igreja possui um único altar, o altar do Todo-Poderoso [...] perante o qual toda criatura deve se ajoelhar. Aquele que procura coisa diferente disso deve se afastar, não pode se ajuntar à casa de Deus [...]. A igreja possui um único púlpito, e, do púlpito, a fé em Deus será pregada, e nenhuma outra fé, e nenhuma outra vontade que não a vontade de Deus, por mais bem-intencionado [que seja].⁵⁸

Dentro da família dos Bonhoeffer havia um grupo de resistência à política de Hitler. Por meio de seus cargos influentes, trocavam informações e cooperavam a fim de ajudar os judeus, que na época eram os mais perseguidos. Havia também quem fizesse parte da espionagem e contra-espionagem do

⁵⁶ MILSTEIN, 2006, p. 66.

⁵⁷ MILSTEIN, 2006, p. 67.

⁵⁸ Apud METAXAS, 2011, p. 152.

governo e era contra Hitler. Dietrich Bonhoeffer se juntou a eles, e por intermédio desses conseguiu não se alistar no serviço militar, pois para ele o cristão tem que se abster de matar alguém, como diz a Bíblia Sagrada. Bonhoeffer fazia alguns questionamentos, por exemplo: “como cristãos, eles poderiam matar gente?”⁵⁹ Através de contatos com líderes eclesiásticos de outros países, conseguia se comunicar, repassando notícias sobre a situação em que se encontrava a Alemanha e até ajudar os judeus, contrariando as ordens do *Führer*.

A obrigação legalista para ele também estava relacionada com fazer a vontade do diabo: “O homem da obrigação legalista terá que cumprir sua obrigação até em relação ao diabo”,⁶⁰ mas o compromisso com Deus, para ele, é resistir a tudo aquilo que vai contra a vontade de Deus. E este pensamento é que repassava ao grupo de resistência.

1.3 Rumo ao desfecho: a prisão e o martírio

No final de 1940, Bonhoeffer foi para Munique, se juntou com alguns representantes da Igreja Romana que também faziam parte da resistência. Neste local deu início ao seu livro de ética que, no entanto, foi sendo concluído por outros através de bilhetes e mensagens enviadas quando em vida. O convento foi, na verdade, palco de estudo e pesquisa⁶¹.

Lá ele descobriu diferenças e contestações entre as teologias. A teologia luterana ortodoxa dividia o reino do mundo e o reino de Deus, ambos se contrapunham, no entanto, para Bonhoeffer, os reinos não podem estar divididos. Deus derrubou a cortina que fazia divisão entre Deus e o mundo, e Jesus é a realidade de Deus neste mundo, como escreveu: “Jesus Cristo é a realidade de Deus que se apossou da realidade deste mundo”⁶². Com esta visão, Bonhoeffer tinha a convicção que Cristo estava presente na ocasião daquele enfrentamento político e queria restabelecer seu reino, a paz entre as pessoas.

Em 1941, já como agente da resistência, inicia viagens a outros países. Em contato com lideranças eclesiásticas discutia-se a questão dos judeus e o

⁵⁹ MILSTEIN, 2006, p. 69.

⁶⁰ Apud MILSTEIN, 2006, p. 69.

⁶¹ MILSTEIN, 2006, p. 70.

⁶² Apud MILSTEIN, 2006, p. 70.

restabelecimento da paz. No seu retorno da primeira viagem, Hitler já o havia proibido de escrever.

Com a Guerra em seu auge, em 1942, Bonhoeffer trazia uma frase consigo e repassava aos que com ele interagiam. “Pode ser que o juízo final irrompa amanhã. Neste caso vamos descansar do trabalho por um futuro melhor, mas não antes”⁶³. Sua perspectiva era que Deus estava na iminência de destruir o mundo.

O grupo de resistência obtém êxito em conseguir deportar judeus para colocá-los em segurança. Aliás, hoje se sabe que muitas pessoas contribuíram para ajudar a fuga de pessoas judias, tanto intelectuais, empresários, como pessoas ligadas às igrejas. Diante destas manobras, se coloca em prática o plano “empreendimento sete”,⁶⁴ que tinha por finalidade atravessar a fronteira espíões como se fossem judeus, entretanto o plano foi descoberto pela SS, colocando a resistência em via de colisão com o *Führer*. Alguns nomes que faziam parte desse grupo foram delatados, incluindo o de Bonhoeffer

Em 1943 a resistência ainda atuava com o plano para pôr fim ao governo sangrento de Hitler, até conseguiram contrabandear uma bomba para o avião em que Hitler viajaria, entretanto, o atentado acabou falhando e muita gente da resistência foi presa. Outras ocasiões surgiram, mas igualmente sem êxito.

No dia 4 de abril de 1943, Dietrich Bonhoeffer foi preso pela Gestapo. Dois agentes o detiveram em sua casa, levando-o para a prisão militar de Tegel. Também haviam sido presos sua irmã Christine e seu cunhado Hans von Dohnanyi, os quais foram levados a outras prisões. Em sua primeira carta para os pais não mostrou lamúrias:

É estranho, mas o que normalmente se imagina como sobremaneira desagradável numa prisão, isto é, as diversas privações da vida exterior, isso praticamente não tem, de fato, importância alguma. É possível satisfazer-se também com pão seco pela manhã [...] e o catre já não me incomoda nem um pouco, e se pode dormir à vontade das 8 da noite até as 6 da manhã.⁶⁵

⁶³ Apud MILSTEIN, 2006, p. 71.

⁶⁴ MILSTEIN, 2006, p. 73.

⁶⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 47-48.

Ainda nesta carta mencionou que o seu tormento era saber da angústia deles, dos pais e da sua noiva. Recomendava, então, como “remédio”, “[...] ler e decorar os hinos de Paul Gerhardt, como estou fazendo agora”⁶⁶.

Bonhoeffer ficou doze dias confinado em um espaço de seis metros quadrados; era tudo que lhe cabia naquele momento, um homem que num instante vivia de forma regalada e noutro foi lhe dado apenas um cobertor surrado a ponto de não conseguir se cobrir. O alimento lhe era atirado no chão, o medo e a solidão o perseguia⁶⁷.

Bonhoeffer sofreu de tal forma que pensou em tirar a própria vida, mas lembrava de seus escritos no livro de ética: “O suicídio é a última e extrema autojustificação do ser humano como tal”⁶⁸. Ele sabia que deveria resistir até o fim como se afirma nas Escrituras Sagradas, por exemplo, em Mateus 24.13: “mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”. Este texto traz uma reflexão sobre a fé e seu alcance na vida da pessoa que crê. A nosso ver, esta foi a motivação ética cristã que sustentou a decisão radical de Bonhoeffer até o fim de sua vida.

Logo a sua situação mudou devido às influências de sua família e sua posição social, por certo; ele era tratado com mais dignidade, sendo-lhe permitido escrever e receber cartas. Diante disso, Bonhoeffer aproveitou para aconselhar e evangelizar guardas e detentos; todos gostavam de dialogar com Bonhoeffer. Em certo momento, um catedrático, que também se encontrava preso, lhe perguntou o que o fez ser um membro do grupo de resistência e ele de pronto respondeu: “Como pastor não tinha apenas a obrigação de consolar as vítimas de um homem enlouquecido dirigindo a toda velocidade em uma rua cheia de gente, mas que deveria tentar pará-lo”⁶⁹.

Bonhoeffer escrevia orações de consolo aos demais presos, os quais se sentiam protegidos, não por ele, mas sim por Deus. Uma das orações que escreveu dentro do seu cubículo dizia o seguinte:

Deus, a ti clamo de manhã bem cedo.
Ajuda-me a orar e concentrar meus pensamentos;
Não consigo fazer isso sozinho.

⁶⁶ BONHOEFFER, 2015, p. 48.

⁶⁷ MILSTEIN, 2006, p. 80.

⁶⁸ Apud MILSTEIN, 2006, p. 80.

⁶⁹ MILSTEIN, 2006, p. 82.

Dentro de mim está escuro, mas em ti há luz.
 Eu estou só, mas tu não me abandonas.
 Eu estou desanimado, mas em ti há auxílio.
 Eu estou inquieto, mas em ti há paz.
 Em mim há amargura, mas em ti há paciência.
 Não entendo os teus caminhos,
 mas tu conheces o caminho certo para mim.⁷⁰

Naquela situação extrema, sua dedicação estava totalmente voltada para os escritos, orações e hinos. Em suas orações intercedia por si mesmo e por outras pessoas que o rodeavam, pela família, amigos. Enviava meditações e prédicas, entre outros textos, para seus amigos fora da prisão: “As meditações anexas destinam-se somente a vocês. [...] A prédica do batismo segue amanhã”⁷¹.

Em certo momento escreveu uma poesia que dizia o seguinte: “Do momento de despertar até o de adormecer temos que recomendar as outras pessoas completamente a Deus, deixando-as aos seus cuidados; as nossas preocupações pelos outros devem transformar-se em orações em seu favor”⁷².

Bonhoeffer foi um homem que realmente havia se entregado a Deus, pois mesmo com suas dúvidas havia confiado naquele que tem o controle de tudo e todos.

A questão da verdade era uma das reflexões constantes de Dietrich Bonhoeffer: “o que significa dizer a verdade”⁷³, para ele, refletia-se no contexto que cada pessoa enfrentava, uma verdade com um princípio pessoal para ele não era verdade em abstrato, a verdade tinha que ter uma totalidade concreta, conforme escreveu: “nossa palavra não deve ser verdade em princípio, mas sempre verdade concreta”, e esta verdade abrangia a ética, e mais precisamente a ética cristã. Ele escreveu: “a verdade tem sua determinação de, na unidade com a palavra de Deus, dizer o verdadeiro como ele é em Deus”⁷⁴.

Em 20 de julho de 1944 um novo atentado estava planejado contra o *Führer*, a resistência iria explodir uma bomba a fim de matar Hitler, mas novamente o plano falhou com a descoberta dos responsáveis. Todos os que

⁷⁰ Apud MILSTEIN, 2006, p. 82.

⁷¹ BONHOEFFER, 2015, p. 419-420.

⁷² Apud MILSTEIN, 2006, p. 83.

⁷³ MILSTEIN, 2006, p. 86.

⁷⁴ Apud MILSTEIN, 2006, p. 86.

planejaram foram fuzilados na mesma noite, e Bonhoeffer, que também sabia do plano, esperava algo parecido de um homem enlouquecido.

Diante de tantas mortes, ele escreveu um longo poema: “Estações no caminho para a liberdade”⁷⁵. Para Bonhoeffer, ser livre é encontrar a salvação em Cristo, ajudar pessoas dentro de sua capacidade e limitação, sem buscar qualquer privilégio pessoal, pois esta atitude fazia parte da ética cristã.

Nesse ato de falar de Cristo pensando em tempos futuros, ele escreveu em Tegel: “Vamos ao encontro de tempos sem religião”. Nesse contexto, afirma: “Jesus não chama a uma nova religião, mas à vida”⁷⁶; para ele a religião se torna um aprisionamento da verdadeira vida.

No dia 5 de outubro de 1944, a Gestapo apresenta aos articuladores do atentado contra Hitler que já estavam presos documentos encontrados no cofre do departamento de defesa em Zossen, documentos estes que revelavam os planos da resistência para matar Hitler. Dentre os nomes relacionados estava o de Dietrich Bonhoeffer.

Três dias após a apresentação de tais documentos secretos, Bonhoeffer foi transferido de Tegel para o Quartel General da Gestapo e ali foi recepcionado por uma frase do Almirante Canaris, que também fazia parte da resistência: “Aqui é o inferno”⁷⁷. Mesmo diante das palavras de Canaris e bombas inimigas atingindo as proximidades do quartel, Dietrich Bonhoeffer se mantinha calmo, que ele retransmitia aos outros que ali estavam com o texto bíblico descrito no Salmo 20.7: “Uns confiam em carros, e outros, em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor, nosso Deus”, mensagem que trazia paz e conforto diante das perseguições. Ele não perdia sua convicção da salvação bem como falava de uma vida vindoura a partir da confiança no Deus vivo.

A palavra de Deus no livro de Provérbios traz uma citação que tem o objetivo de trazer ânimo aos fracos, texto este não mencionado por Bonhoeffer em suas obras. Cremos, no entanto, que ele conhecia bem esta reflexão bíblica descrita em Provérbios 24.10: “Se te mostrares frouxo no dia da angústia, a tua força será pequena”. O olhar de Bonhoeffer estava sobre Cristo, que sofreu

⁷⁵ BONHOEFFER, 2015, p. 520s. Cf. também MILSTEIN, 2006, p. 91.

⁷⁶ Apud MILSTEIN, 2006, p. 92.

⁷⁷ Apud MILSTEIN, 2006, p. 94.

angustiosamente na cruz e persistiu até o fim por nós. Para ele, era um dever persistir nas angústias e tribulações até o fim.

Em uma de suas últimas cartas, de 17 de janeiro de 1945, pediu que dessem suas roupas e tudo o mais que tivesse alguma utilidade:

Afinal, aprendi nos últimos dois anos que o ser humano precisa de muito pouco para viver. Aqui, na inatividade de uma longa detenção, temos uma grande necessidade de fazer o possível, dentro dos nossos estreitos limites, pela coletividade. Vocês haverão de compreender o meu sentimento.⁷⁸

No dia 7 de fevereiro de 1945 ele foi transferido para o campo de prisioneiros de Buchenwald, sendo trancado em uma cela diminuta, onde continuava suas atividades de oração, devoção e estudo com os instrumentos que lhe era permitido usar, mas de forma restrita. Por fim, no dia 1 de abril desse ano, foi transferido para o campo de concentração de Flossenburg, permanecendo por alguns dias em uma escola chamada Schönberg devido a um incidente com o veículo que o transportava⁷⁹.

No dia 5 de abril, Hitler decide que todos que faziam parte da resistência deveriam morrer. De fato, três dias após sua decisão, o almirante Canaris e outros foram condenados à morte.

Em 8 de abril, Bonhoeffer foi convidado a presidir um culto a Deus; ali pode orar e expressar sua devoção e fé mais uma vez recitando um texto bíblico que diz: “Por sua feridas fomos sarados” (Isaías 53.5 e 1 Pedro 1.3). Na alocução ele mencionou seu período na prisão, e sobre os textos disse que agora era uma pessoa livre mesmo na prisão⁸⁰.

Dois homens o chamaram e o conduziram ao local que seria o palco da execução de um homem de fé, justamente aquele que, no início de seu ministério, pedira a Deus que lhe acrescentasse fé. Olhando retrospectivamente, podemos dizer: com certeza, Deus lhe concedeu esta fé.

No dia 9 de abril de 1945, no campo de concentração de Flossenburg, Dietrich Bonhoeffer foi enforcado com outros que faziam parte da resistência.

⁷⁸ BONHOEFFER, 2015, p. 559.

⁷⁹ MILSTEIN, 2006, p. 95.

⁸⁰ MILSTEIN, 2006, p. 97

Seu corpo foi queimado junto com milhares de outros corpos e enterrado como um mero indigente⁸¹.

Ainda em Schönberg, em uma pequena cela, no momento de sua condução a Flossenburg, ele disse a Payne Best, que retransmitissem ao amigo bispo George Bell a seguinte mensagem: “Este é o fim, disse ele. Para mim, o início da vida”⁸².

⁸¹ MILSTEIN, 2006, p. 97.

⁸² Apud METAXAS, 2011, p. 568.

2 A EXPERIÊNCIA DEVOCIONAL DE DIETRICH BONHOEFFER COMO FUNDAMENTO DE SUA TEOLOGIA PRÁTICA

As experiências devocionais de espiritualidade praticadas por Dietrich Bonhoeffer foram múltiplas ao longo de sua vida. Seu foco estava literalmente ligado à Escritura Sagrada, cujo centro é o anúncio de Cristo. Além de praticá-las, Bonhoeffer também deixou muitos escritos a partir dos quais pode ser analisado qual era o seu pensamento em relação à espiritualidade. É essa devoção espiritual que se pretende analisar neste capítulo como seu roteiro teológico, sendo o primeiro deles, o pacifismo.

Bonhoeffer procurou viver abstendo-se da violência que considerava ser contra a vontade de Deus. Na iminência da guerra, sob a probabilidade de ser convocado para servir o exército, sua preocupação foi ter que pegar em armas. Dietrich Bonhoeffer, durante a Conferência em Fanö (pequena ilha da Dinamarca), foi perguntado por um delegado sueco como agiria em caso de guerra sendo pastor, ao que respondeu: “Eu peço que Deus me dê forças para não ter que usar armas”⁸³. Lutero também se expressou 500 anos antes de forma semelhante com relação ao tema da violência: “Não quero que se lute pelo evangelho por meio da violência ou promovendo um banho de sangue [...]. É pela palavra que o mundo foi vencido, pela palavra a igreja foi mantida e é pela palavra que ela também é restabelecida”⁸⁴.

Cristo deixa claro qual a vontade de Deus aos seres humanos ao referir o mandamento que segue ao amor a Deus: “E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.39). Deus não tem prazer no sofrimento humano, não se alegra com a violência existente entre as pessoas. Ele falou através de seu servo e profeta Moisés e deixou escrito nas tábuas da lei os dez mandamentos, sendo que um desses diz: “Não matarás”, conforme Êxodo 20.13. Percebe-se que a violência está estabelecida desde o início da criação e é constitutiva da história humana. Ainda assim, nada a justifica.

Essa atitude era cultivada na família de Dietrich Bonhoeffer, a exposição do altruísmo (amor desinteressado ao próximo; filantropia, abnegação); a

⁸³ Apud MILSTEIN, 2006, p. 44.

⁸⁴ Apud JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 19.

generosidade e socorro ao outro era habitual entre eles⁸⁵. Adepto do pacifismo, Bonhoeffer falava com seus alunos sobre a importância do comprometimento com a paz⁸⁶. Em prédica na Conferência de Fanõ, o texto exposto foi do Salmo 85.8 que diz: “Eu ouvirei o que Deus, o Senhor, disse: Ele promete paz ao seu povo, aos seus fiéis! Não voltem eles à insensatez”. Em uma meditação pela manhã durante a Conferência, a qual deixou os presentes surpresos, Bonhoeffer disse:

Como se concretiza a paz? Quem convoca para a paz de forma tal que o mundo o ouça, seja obrigado a ouvir? Somente o grande concílio ecumênico da santa igreja de Cristo de todo o planeta poderá dizê-lo de maneira que o mundo, rangendo os dentes, tenha que ouvir a palavra da paz, e os povos fiquem felizes, porque esta igreja de Cristo arrancará as armas das mãos de seus filhos em nome de Cristo, proibindo-lhes a guerra e proclamando a paz de Cristo a todo este mundo delirante.⁸⁷

A questão da paz para ele é um foco de permanente preocupação⁸⁸. Ele rejeitava todo e qualquer ato de crueldade humana como o que estava acontecendo em seu país em relação a outras etnias, principalmente, os judeus.

Jesus foi o agente da paz enviado por Deus (João 14.27). A partir disto, Bonhoeffer afirmou: “Jesus Cristo é a realidade de Deus que se apossou da realidade deste mundo”⁸⁹. Assim sendo, efetivamente essa é sua vontade com relação às pessoas cristãs, que devem se sujeitar a essa vontade soberana a fim de alcançar o que é proposto por Deus para todas as pessoas que querem reverberar a luz de Cristo.

Sob este prisma conceitual, Dietrich Bonhoeffer era um seguidor das palavras de Cristo como aparecem no sermão do monte (Mateus). Nele Jesus deixa ensinamentos preciosos com relação à paz como, por exemplo, quando lembra o mandamento do ódio ao inimigo. Aí Jesus afirma com autoridade: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mateus 5.44). Essa era a postura que esse teólogo e pastor procurou seguir ao longo de sua vida. Ela foi observada, por exemplo, na prisão de Tegel, onde se

⁸⁵ METAXAS, 2011, p. 21.

⁸⁶ MILSTEIN, 2006, p. 28.

⁸⁷ Apud MILSTEIN, 2006, p.44.

⁸⁸ METAXAS, 2011, p. 255.

⁸⁹ Apud MILSTEIN, 2006, p. 70.

posicionava como alguém que trazia vida e paz aos que estavam em estado de desespero⁹⁰. Bonhoeffer cita em seu livro “Vida em comunhão” o que Lutero escreve a respeito da missão e tarefa do cristão:

O reino de tem que ser estabelecido em meio aos inimigos. Quem não quiser se sujeitar a isso não quer ter parte no reino de Cristo, mas quer viver cercado de amigos, viver em mar de rosas, na companhia de gente piedosa, jamais de gente má. Ó blasfemadores e traidores de Cristo! Se Cristo tivesse agido como vocês, quem teria sido salvo?⁹¹

Bonhoeffer tinha como alvo ver Deus, devido a isso optou em ser também pacificador, talvez imaginasse poder sentar-se com Deus e cear, pensamento esse que tinha ainda quando criança de quatro anos a respeito do Criador. Certa vez chegou a perguntar para sua mãe: “Deus também se senta para almoçar?”⁹²

O homem devotado às coisas de Cristo mostrou-se disposto a uma verdadeira entrega a Cristo, condicionado a viver a paz com todos como o Mestre ensinou. Na carta aos Hebreus 12.14 encontramos uma referência que ilustra a atitude tomada por Dietrich Bonhoeffer como regra de vida: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”.

Muitos foram os escritos em que Bonhoeffer se posiciona em relação à postura cristã diante da realidade da vida cotidiana. Dois deles foram que mais se destacaram no meu modo de compreender sua teologia prática. O primeiro foi um poema que ele compôs na prisão como sendo pontos a serem enfrentados ao longo da jornada de um ser humano: “Estações no caminho para a liberdade”⁹³. O segundo foi sua frase momentos antes de seu martírio. Conforme testemunham seus amigos, Dietrich Bonhoeffer teria respondido a seu algoz que aponta para a forca e diz que ali termina sua vida: “Para mim é o início da vida”⁹⁴. O texto escatológico descrito no Evangelho de Mateus, capítulo 24, retrata esse período que poucos cristãos estavam dispostos a enfrentar assim como esse mártir. Mateus 24.12s afirma: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo”.

⁹⁰ METAXAS, 2011, p. 482.

⁹¹ Apud BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. 7ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 9.

⁹² Apud METAXAS, 2011, p. 20.

⁹³ BONHOEFFER, 2015, p. 520s. Mais adiante neste capítulo segue um comentário mais preciso deste poema.

⁹⁴ Apud METAXAS, 2011, p. 568.

Afinal, a que vida ele estaria se referindo após sua morte? Que significava liberdade para Bonhoeffer? Que espiritualidade é esta que esse mártir nos aponta?

2.1 Sobre o conceito de espiritualidade

Procuremos entender primeiramente o sentido da palavra espiritualidade, fundamental para Dietrich Bonhoeffer. Trata-se de um conceito bastante complexo e que mereceria quase um estudo à parte. Vejamos o que dizem os dicionários. Tal palavra é definida no *Aurélio* como aquilo que se refere à qualidade ou caráter de espiritual, relativo ao espírito, ao incorpóreo, contrário ao material⁹⁵. Já o *Novo Aurélio Século XXI* diz se tratar de uma qualidade ou caráter de espiritual; doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual⁹⁶.

A palavra espiritualidade não é fácil de definir de maneira precisa. Ao longo da história da igreja cristã, podem-se observar práticas de espiritualidade multiformes, presentes já nos escritos do Novo Testamento. Nos primeiros séculos era interpretada como a resistência às injustiças e persistência na fé em Cristo. Foi um período em que houve perseguições, controvérsias teológicas, acusações heréticas e até mesmo assassinatos de pessoas cristãs por causa de sua fé.

O monaquismo caracterizou certo momento da espiritualidade cristã como fuga do mundo e destinada à contemplação. A vida solitária dos anacoretas ou isolamento comunitário dos cenobitas nos primeiros séculos da igreja foi comum a esta visão religiosa. Já na Idade Média vamos encontrar entre os beneditinos outra ênfase que tem como regra o *ora et labora*, ou seja, orar e trabalhar. Eles compreenderam a espiritualidade como a união entre oração, leitura e trabalho. Porém, ao longo da Idade Média a afetividade ganha espaço, a unidade mística com Cristo vai tomando sentido como expressão da espiritualidade viva⁹⁷.

⁹⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa século XXI*. Coord. ed. Margarida Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos – 5ª ed. V. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

⁹⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

⁹⁷ HELLWIG, Elpídio Carlos. Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Cenários urbanos: realidade e esperança*. Desafios às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2014. p. 178.

Com a secularização dos cristãos houve um crescimento no número de pessoas que aderiram à fé em Cristo, levando muitos adeptos a fundamentarem sua fé na prática de vários tipos de espiritualidade, sendo o isolamento social um deles, cujo intuito era aproximar-se mais de Deus. Houve quem classificasse tal devoção como o cerne do que é perfeito para ter uma vida cristã imaculada, sem contaminação do mundo e religado ao Criador⁹⁸.

Cristo, na mensagem dos evangelhos, aponta para um estado de perfeição ao qual o ser humano deve seguir voluntariamente para cumprir – pela fé – os mandamentos de Deus a fim de alcançar uma unidade com Ele. Quando Paulo⁹⁹ escreve aos Gálatas (5.16-26), descreve a limitação do ser humano para resistir aos desejos carnis através de uma atitude devocional, ou seja, uma luta contra as concupiscências da carne que já está estabelecida no mundo a partir do pecado adâmico. Hermann Brandt menciona que algumas doutrinas estabelecem a abstenção como forma de obter uma devoção para com Deus. A pessoa deve se abster principalmente da ganância, da ambição por poder e do sexo¹⁰⁰.

Foi o caso de Dietrich Bonhoeffer, como pudemos apreciar no primeiro capítulo, pois, diante de todas as mordomias que o cercavam – a notoriedade social e o poder que estavam em suas mãos – resolveu não se curvar a elas. Sua opção foi a abstenção das conquistas do mundo e uma entrega radical a Cristo. Em conversa com seu irmão Karl, o mesmo havia depreciado a igreja. Para Karl, Dietrich estava desperdiçando sua vida elitizada por optar em estudar algo relacionado à igreja. Dietrich, no entanto, lhe respondeu: “É certo que existe um Deus, e por essa certeza deixaria até mesmo cortar minha cabeça”¹⁰¹. O texto de Efésios 2.8-9 traz uma reflexão apontando para esse tipo de espiritualidade por meio da fé: “porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se vanglorie”.

⁹⁸ HELLWIG, 2014, p. 173.

⁹⁹ GARDNER, 2005, p. 506.

¹⁰⁰ BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. 2ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 16.

¹⁰¹ Apud METAXAS, 2011, p. 49.

A herança pietista, mesmo sendo alvo de desconfiança da família, de certa forma, estava presente na espiritualidade de Bonhoeffer pela “fé viva”¹⁰². Ele a praticava dentro de um cenário social que proporcionava uma comunidade mais viva através de grupos pequenos motivados pela fé¹⁰³, e que foram motivadores dentro de uma igreja paralisada pelo esfriamento da fé. A ajuda mútua e o socorro às pessoas também foram praticados com fidelidade. Bonhoeffer tinha em mente a forma concreta de igreja. “A Igreja precisa existir para os outros assim como Jesus Cristo existe para os outros”¹⁰⁴.

Foi uma saída prática num ambiente no qual a ortodoxia da igreja evangélica sufocava a vida das pessoas cristãs inibindo sua devoção pessoal. A ortodoxia defendia uma doutrina pura, no entanto, desmotivadora¹⁰⁵. Paulo, em Efésios 4.14-16, reflete sobre esse convívio de amor e ajuda mútua e deixa claro que a pessoa cristã deve crescer em sua espiritualidade simetricamente em tudo, crescer para Deus, crescer para consigo mesmo e também no convívio social. Esse crescimento deve se manifestar no amadurecimento na forma de pensar, no entendimento da verdade e, principalmente, no amor para com o outro, ou seja, o ser humano só pode existir a partir do outro pelo amor. Aqui se percebe claramente a ligação entre o espiritual e a vida desde a perspectiva bíblica, tão forte na experiência de Bonhoeffer.

Dietrich Bonhoeffer descobriu esta tradição da espiritualidade cristã. A respeito da vida em comunhão, se referindo à *ecclesia* como unidade em Cristo, escreveu:

A igreja só é igreja quando está aí para os outros. Como primeira providência, ela deve presentear todo o seu patrimônio aos necessitados. [...] A igreja deve participar das tarefas mundanas da vida social humana, não dominando, mas auxiliando e servindo. [...] significa existir para os outros.¹⁰⁶

Coerente com esta compreensão da fé e sua prática, Bonhoeffer focou sua vida no doar-se aos outros, e este doar só teria sentido no ato de crer em algo, bem como, ser um agente motivador da fé. Em sua cela em Tegel, colocou como objetivo: “aprender a crer”¹⁰⁷. Em outra ocasião, na confirmação de seus alunos em 13 de março de 1932, ele insiste na questão da fé; em sua prédica ele

¹⁰² METAXAS, 2011, p. 20.

¹⁰³ MILSTEIN, 2006, p. 22.

¹⁰⁴ Apud MILSTEIN, 2006, p. 32.

¹⁰⁵ BRANDT, 2006, p. 11.

¹⁰⁶ BONHOEFFER, 2015, p. 512.

¹⁰⁷ MILSTEIN, 2006, p. 26.

disse: “Ninguém jamais deverá tirar de vocês a fé que Deus preparou para vocês um dia [...]”¹⁰⁸.

Será a fé o fundamento dessa espiritualidade em que Bonhoeffer tanto se alicerçava? Hebreus 11.1ss explica o que significa a fé vivida por homens experimentados por Deus. No versículo 6 o autor esclarece: “ora, sem fé é impossível agradar-lhe [...]”.

Jesus disse em Mateus 7.21: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. Este texto não aponta exclusivamente para um líder eclesiástico, mas a todos/as que confessam Cristo como Senhor. No dia do julgamento descrito em Mateus 25, pessoas alegarão serem discípulos de Cristo, no entanto, são malfeitores que não se entregaram a Ele e não praticaram os ensinamentos da Escritura Sagrada. Tal prática somente se dará mediante a fé num Cristo presente e real. Dietrich Bonhoeffer escreveu: “Cristo só faz sentido sendo encarnado continuamente na comunidade”¹⁰⁹.

O cristianismo que Hitler implantou através da igreja do Reich era uma prática de religiosidade e submissão ao legalismo, algo contestado por Dietrich Bonhoeffer¹¹⁰. Era uma igreja que bebia de várias fontes, não deixando espaço para o exercício da fé livre e solidária com as pessoas sofredoras. Essas igrejas se calaram diante das atrocidades da Segunda Guerra; pior ainda como escreveu Bonhoeffer: “ficou muda quando deveria estar gritando”¹¹¹, por se aliar ao Reich.

Pela fé e por causa do cristianismo, Dietrich Bonhoeffer, ao ver os pastores o abandonarem, disse: “Eu creio que toda a cristandade precisa orar conosco, para que haja uma resistência até o sangue e para que se encontrem pessoas que suportem isso”¹¹². Não enxergava mais a fé e as obras dos crentes frente às atrocidades em relação ao mais fraco. A fé de um crente sem as obras é nula. Em Tiago 2.17 consta: “Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma”. Para Bonhoeffer a fé foi o combustível de sua

¹⁰⁸ Apud MILSTEIN, 2006, p. 30.

¹⁰⁹ Apud MALSCHITZKY, Harald. *Dietrich Bonhoeffer: discípulo, testemunha, mártir: meditações*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 7.

¹¹⁰ MILSTEIN, 2006, p. 69.

¹¹¹ Apud MILSTEIN, 2006, p. 61.

¹¹² Apud MILSTEIN, 2006, p. 38.

comunhão com Cristo; por isto, em toda sua existência o que ele mais pedia a Deus era seu amor.

2.2 A graça preciosa e a graça barata

O texto bíblico de Romanos 3.23-24 diz: “pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, e são justificados gratuitamente pela graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”. Essa graça é vista de duas formas por Bonhoeffer, a primeira é a graça preciosa, para ele, a base central de seu ministério. Ele descreve como sendo aquela em que Jesus chama o ser humano a um discipulado de comprometimento eterno, isto é, ouvir e viver as palavras do mestre de tal forma que o evangelho deve ser praticado até ao ponto de uma entrega total. Ela é preciosa por condenar o pecado, é preciosa por custar a vida do ser humano, por resgatar os que têm o direito de serem chamados de filhos e filhas de Deus, tem um alto preço por custar a vida de Cristo que se doou pela humanidade. Ele escreveu:

A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, por amor do qual o ser humano sai e vende com alegria tudo quanto tem; a pérola preciosa, para cuja aquisição o comerciante se desfaz de todos os seus bens; o senhorio régio de Cristo, por amor do qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo larga suas redes e o segue.¹¹³

Bonhoeffer a compreende como sendo o próprio evangelho, a busca pelo que é novidade de vida, o dom que nos foi dado a fim de termos comunhão com Deus e a porta na qual se deve bater. Preciosa por ter um preço, “você foram comprados por preço”¹¹⁴, e preço de sangue, o sangue de Cristo.

Essa graça não é algo que se deve dar aos cães, deve ser preservada como uma joia, é sujeitar o ser humano ao jugo de Cristo: “O meu jugo é suave e o meu fardo é leve”, essa é a expressão da graça, como menciona Bonhoeffer¹¹⁵.

O auge da sua luta contra o *Führer* foi justamente a distinção entre a graça preciosa e a graça barata. Quando da secularização da igreja, Hitler queria

¹¹³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 10.

¹¹⁴ BONHOEFFER, 2004, p. 10.

¹¹⁵ BONHOEFFER, 2004, p. 11.

tornar a igreja única do Reich, acomodando-a aos preceitos da graça barata, isto é, um cristianismo amorfo, sem consequências e subserviente aos ditames do Estado, do poder do ditador. Hitler tentou criar uma igreja a sua própria imagem¹¹⁶.

Na visão de Bonhoeffer, a graça barata “é inimiga mortal da igreja,”¹¹⁷ que é imaculada. Essa graça retratava o formato em que viviam os crentes da época em questão: “viva, pois, o crente como vive o mundo,”¹¹⁸ isto é, pessoas que se moldam conforme as práticas mundanas determinadas pelo poder dominante. Ora, isso é uma aberração, uma afronta ao próprio Deus.

Na graça barata, o crente encontra perdão como verdade geral, como doutrina. O ser humano encontra-se sem remorso ou arrependimento, não se submete ao arrependimento. É aquele crente que não se compromete em ser um discípulo; quando não há uma transformação de vida, não há renúncia do mundanismo. É como um refugio, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado, sem preço, sem custo, sem cruz, sem Jesus Cristo vivo, encarnado¹¹⁹.

Todos os atos da prática de espiritualidade vividos por Bonhoeffer, bem como a questão da fé, são compreendidos de forma que nenhum indivíduo apresente tal capacidade espiritual para executá-las por mérito pessoal, mas sim como dádiva de Deus. Aí se coloca a compreensão abrangente e radical da graça de Deus como Bonhoeffer a assumiu. Bonhoeffer diz sobre Lutero: “Foi a graça preciosa que lhe foi dada, ela lhe despedaçou toda a sua existência”¹²⁰.

Uma graça alcançada por causa da misericórdia divina, como escreveu também G. Gutiérrez, “vem por meio do domínio do Espírito de Deus”¹²¹. Ou, como menciona Lutero: “nossos esforços nada podem nem mesmo na vida mais piedosa”¹²².

O poema abaixo descreve sobre a graça ou favor imerecido, o dom da fé como Bonhoeffer evidentemente interpretava e como enxergava ser a vontade de Deus:

¹¹⁶ METAXAS, 2011, p. 191.

¹¹⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 9.

¹¹⁸ BONHOEFFER, 2004, p. 9.

¹¹⁹ MALSCHITZKY, 2005, p. 21.

¹²⁰ BONHOEFFER, 2004, p. 13.

¹²¹ Apud BRANDT, 2006, p. 48-49.

¹²² Apud BONHOEFFER, 2004, p.13.

Deus, a ti clamo de manhã bem cedo. Ajuda-me a orar e concentrar meus pensamentos.
 Não consigo fazer isso sozinho. Dentro de mim está escuro, mas em ti há luz. Eu estou só, mas tu não me abandonas.
 Eu estou desanimado, mas em ti há auxílio. Eu estou inquieto, mas em ti há paz. Em mim há amargura, mas em ti há paciência.
 Não entendo os teus caminhos, mas tu conheces o caminho certo para mim.¹²³

Este poema expressa a busca de Bonhoeffer por socorro e o auxílio de Deus através de sua fé. Sua expressão evidencia que nem mesmo seus pensamentos são administrados por ele, senão pela misericórdia divina. Sua dependência e confiança no Senhor ficam claras diante das perseguições e na solidão que enfrentou na prisão. Toda a sua força e o socorro são encontrados através do Consolador que não o deixou desamparado. Como Jesus diz em João 14.18: “Não vos deixarei órfãos [...].”

Outro poema que escreveu durante a noite na prisão retrata sua perspectiva teológica em relação à caminhada da vida do ser humano neste mundo. Ele compara a vida a “estações no caminho para liberdade”:

Disciplina

Se tens proposto buscar a liberdade, aprende, acima de todas as coisas,
 A reger a alma e os sentimentos, pelo temor de que as paixões e os desejos te afastem do caminho a ser seguido.
 Castos sejam tua mente e teu corpo, e ambos em sujeição, na obediência e constância; buscando o objetivo já definido;
 Somente através da disciplina pode um homem aprender a ser livre.

Ação

Ousar agir como é direito, não agir como pressupõe o delírio,
 Agarrar-se, valoroso, ao real, não deter-se, covarde, na dúvida.
 A liberdade dos atos vem, mas não do divagar das ideias.
 O medo não te faça vacilar, mas vai à tempestade e à ação,
 Na confiança em Deus, cujo mandamento fielmente hás de seguir;
 Liberdade, com júbilo e exultante, a teu espírito acolherás.

Sufrimento

A mudança vem, de fato, tuas mãos, fortes e ativas, atadas estão;
 Em desamparo, vês agora o encerramento de tua ação;
 Suspiras em alívio: pois, em mãos mais fortes,
 Confias a tua causa; enfim repousas, satisfeito.
 Por somente um abençoado instante, estiveste próximo de tocar a liberdade;
 E, para o aperfeiçoamento na glória, entregaste-a a Deus.

Morte

¹²³ BONHOEFFER, 2015, p.190.

Vem tu, maior das festas na jornada para a liberdade eterna;
 Morte, destrói as correntes onerosas, as muralhas do corpo temporal,
 As muralhas de nossa alma que vagueia cega,
 A fim de que vejamos o que aqui nos é negado ver.
 Liberdade, há quanto te buscamos em disciplina, ação e sofrimento;
 Morrendo, agora te contemplamos, revelada na face do Senhor.¹²⁴

Podemos perceber neste poema a forma como Bonhoeffer extravasa seus sentimentos e experiência espiritual mais profunda. Ele se agarrou a uma certeza do porvir, sem negar o sofrimento do que é real. Trata-se de um poema que se compara à oração feita por um dos profetas da Bíblia, Jonas, quando estava no ventre do peixe (Jonas 2), uma afirmação espiritual de fé, de fidelidade e de disponibilidade a Deus. Bonhoeffer tinha a convicção de que nada iria separá-lo do amor de Deus diante do que enfrentava. Sua fé lhe dava a certeza de que nenhuma situação concreta iria impedir o propósito da chegada à estação de destino, à salvação, à liberdade que Jesus prometeu.

É possível relacionar o poema a um processo que o cristão redimido pela graça preciosa deve seguir, um processo de discipulado cristão, como uma criança que aos poucos cresce fisicamente e amadurece gradativamente. O discipulado é uma disciplina fundamental para manter um desenvolvimento espiritual a fim de encontrar pela fé os desígnios de Deus (Hebreus 11.1).

A ação que Bonhoeffer cita no poema descreve a prática que deve ser exercida pelo crente, ou seja, seguir o Evangelho. Ele escreveu:

os portadores da Palavra de Jesus recebem uma derradeira palavra de promessa para sua obra. Tornarem-se colaboradores e auxiliares de Cristo; em tudo devem ser iguais a Ele; portanto, devem ser como Cristo para os seres humanos aos quais se dirigem.¹²⁵

O sofrimento que Bonhoeffer enfrenta está firmado nas *beatitudes*, mesmo em meio às agruras que o cercavam. Em Mateus 5.10 está escrito: “bem aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”. Bonhoeffer interpretou esta bem-aventurança da seguinte forma: “como sofredores, estão na comunhão do Crucificado”¹²⁶. A morte para ele nada mais era que a libertação das dores e aflições. O encontro, o início de uma nova fase, encontro com uma igreja santa, como disse horas antes de ser

¹²⁴ BONHOEFFER, 2015, p. 520s. Também em METAXAS, 2011, p. 521.

¹²⁵ BONHOEFFER, 2004, p. 139.

¹²⁶ BONHOEFFER, 2004, p. 61.

morto: “Para mim chegou o fim, mas é também o início. Com Ele creio na irmandade fraterna universal [...]”¹²⁷.

As estações pelas quais o ser humano disposto ao discipulado de Cristo deve passar não são fáceis, exigem atitudes e fé para que a pessoa se livre da maldade e das atitudes carnis que prendem o pensamento e o coração (Tiago 1.21-25). A palavra de Cristo não é apenas para ser ouvida, ainda que piedosamente, mas para ser vivida na prática da vida. Bonhoeffer estava ciente dos insultos e perseguição que Paulo sofreu, como escreveu aos cristãos de Corinto: “em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2 Coríntios 4.8s). Bonhoeffer mostrou-se disposto a pagar o preço, porque sabia o que lhe esperava se suportasse tais agruras, como escreveu: “O ser humano pode sacrificar sua existência física em benefício de um bem maior porque é livre para morrer. Sem a liberdade para o sacrifício da vida na morte não há liberdade para Deus, não existe vida humana”¹²⁸. Assim, percebe-se que o sofrimento que Jesus enfrentou serviu de exemplo para Bonhoeffer bem como a todos/as que querem segui-lo e obter a liberdade.

Dietrich Bonhoeffer, de família burguesa, foi uma pessoa que conheceu regalias e viajou muito, foi pastor na Espanha e em Londres, visitou os EUA, mas por causa de sua opção de fé, mesmo convidado a permanecer naquele país, retornou à Alemanha e acabou preso, sentindo-se em estado de abandono¹²⁹. Viveu encerrado numa cela diminuta por quase três anos. Enquanto teve a opção de fugir dos ataques, foi tentado a desistir. Ele chegou a escrever à sua igreja: “Não vamos perseverar na causa da igreja sem sacrifício?”. Em diálogo duro com seu amigo e teólogo Reinhold Niebuhr nos EUA, afirmou: “Depois da guerra, eu não terei direito de participar na reconstrução da vida cristã na Alemanha se eu não compartilhar agora das privações pelas quais passa o meu povo”¹³⁰.

Pode-se perceber que ele foi tentado a continuar sua vida regalada, mas o sofrimento que Jó enfrentou ele também assumiu, de certa forma. Mesmo nas maiores dúvidas e tentações, preferiu seguir as pegadas de Cristo.

¹²⁷ Apud MILSTEIN, 2006, p.97.

¹²⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 10. Ed. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009. p. 106.

¹²⁹ MILSTEIN, 2006, p. 62.

¹³⁰ Apud MILSTEIN, 2006, p. 62.

2.3 Discipulado

Bonhoeffer, quando fala sobre discipulado, dá ênfase ao versículo bíblico em que Jesus chama seguidores. Em Marcos 2.14 é descrita a ação de Cristo: “quando ia passando, viu o filho de Alfeu sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu”. Essa palavra, “segue-me”, foi a primeira e última palavra de Jesus a seu discípulo Pedro¹³¹.

A ação praticada pela pessoa em seguir o chamamento foi motivada pela obediência, ou seja, todo aquele que é chamado por Jesus é chamado à ação de segui-lo. A única coisa esperada por Jesus de um ser humano é a obediência e nada mais, isto num primeiro instante. O único caminho para a fé, segundo Dietrich, é através da obediência a este chamado¹³². Observe-se que se trata de seguir Jesus e não apenas obedecer regras e mandamentos abstratos.

Jesus faz a mesma menção a todos os discípulos, quando lhes diz para largarem tudo e segui-lo. Afinal, como poderia um ser humano deixar sua vida cotidiana e seguir alguém que mal conhece? Seguir de forma voluntária e não por imposição ou poder, somente pela obediência e amor ao único que é Jesus? Mas este é justamente o desafio da fé em Cristo!

Portanto, segundo Bonhoeffer, discipulado é “o comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama”¹³³.

O cristianismo deve ter um enfoque sempre no mediador, que é Jesus Cristo, um advogado, um intercessor entre Deus Pai e os seres humanos. A visão de se autodenominar cristão somente com olhar em Deus Pai e deixando de considerar o mediador como o próprio Criador encarnado faz com que o ser humano tenha com uma relação com Deus de forma infrutífera.

O ser humano deve ter Cristo como seu orientador e motivo para a existência, como escreveu Bonhoeffer: “para a sequência de chamado e ação só existe uma razão válida: o próprio Jesus Cristo”¹³⁴. Jesus nos mostra a decisão de ser discípulo voluntariamente:

¹³¹ BONHOEFFER, 2004, p. 11.

¹³² BONHOEFFER, 2004, p. 20.

¹³³ BONHOEFFER, 2004, p. 21.

¹³⁴ BONHOEFFER, 2004, p. 20.

E seguiram para outra aldeia. Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninho; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro disse Jesus: Segue-me. Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai, e prega o reino de Deus. Outro lhe disse: Seguir-te –ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa. Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus (Lucas 9.56-62).¹³⁵

O discípulo se apresenta voluntariamente para seguir Jesus e nada pode se interpor a esse chamado, mesmo que seja a lei. O homem que enterra seu pai tem uma lei que dever seguir, no entanto, nem essa lei poderia ser um obstáculo ao discípulo.

Podemos notar tal decisão tomada por Bonhoeffer que, em seu tempo, teve leis que queriam lhe impedir de ser discípulo de Cristo. Leis criadas por Hitler como, por exemplo, a Lei Ariana, que ia contra os ensinamentos de Jesus. A decisão de Dietrich foi de um verdadeiro discípulo de Cristo, mesmo que fosse contra a lei em questão. Hitler criou a Igreja nacional do Reich, e todas as denominações evangélicas deveriam ser submissas e acatar as decisões do poder nazista. Porém, para a fé cristã autêntica a filosofia nazista era incompatível já nos princípios éticos. Bonhoeffer, como um discípulo de Cristo, foi contra essa lei¹³⁶.

Hitler, mesmo se autodenominando um cristão, não era reconhecido por Dietrich Bonhoeffer como um discípulo de Cristo, mas sim como uma pessoa que se utilizava do poder da massa para se promover. Certa vez Hitler afirmou, contrariado com a resistência de alguns cristãos:

Temos a desgraça de que nossa religião não nos convém. Por que não temos a religião dos japoneses, cuja aspiração máxima é o sacrifício pela pátria? Para nós a religião maometana teria sido melhor que o cristianismo, uma religião frouxa e paciente.¹³⁷

Para Bonhoeffer, o bom líder tem como primazia servir aos outros, bem como guiar à maturidade. “Ele os coloca acima de si próprio, como um bom pai

¹³⁵ Citado por BONHOEFFER, 2004, p. 22.

¹³⁶ METAXAS, 2011, p. 187..

¹³⁷ Apud METAXAS, 2011, p. 180.

faz pelo filho, desejando que algum dia o filho seja um bom pai”¹³⁸. Isso é o discipulado. O discípulo anda conforme as palavras que o Mestre ensina, tendo como base a obediência ao amor; ele faz com que sua fé seja fortalecida hodiernamente: “só o crente é obediente, e só o obediente é que crê”¹³⁹.

Ao dizer esta frase, Bonhoeffer afirma que a fé ganha primeiramente seu espaço na vida de crente somente depois pode ser praticada a obediência. Não dá para ser obediente àquilo que não se crê. A obediência, então, é comparada a um fruto de uma árvore chamada fé, que é colhido após o fortalecimento desta árvore. Daí Bonhoeffer afirmar: “Só o crente é obediente”¹⁴⁰.

Se olharmos para a vida devocional de Paulo de Tarso, nota-se claramente que era um crente e discípulo de Cristo pela obediência. Ao ser escolhido por Deus quando estava a caminho de Damasco como um perseguidor de cristãos, Deus o chamou, e a partir daquele momento, pela obediência ao Senhor, Paulo se tornou um servo pronto para ser morto na causa de Cristo.

O chamado ao discipulado, como Bonhoeffer compreendia, é estar pronto a ser colocado numa cruz assim como o próprio Jesus se colocou por todas as pessoas, ou seja, pronto para sofrer e ser rejeitado: “se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue”, “tome sua cruz”,¹⁴¹ estas são as palavras de Jesus.

Sobre a cruz mencionada por Cristo, cada pessoa tem a sua para carregar. Está preparada desde o início, uma cruz que nos é destinada e que foi providenciada por Deus. Claro que, cada cruz varia conforme cada pessoa, a um com maior dificuldade, sabendo que Deus não a dá além da força de cada pessoa.

Aquele que entende o discipulado compreende que tal atitude envolve a entrega à própria morte como com Jesus; sua vida fica exposta à entrega iminente, e esta ação dá início a uma comunhão genuína com Cristo. Assim como Jesus se colocou por nós na cruz, devemos ser “pequenos cristos”¹⁴² para com os outros, ser participante com as pessoas que estão no mundo, tanto em seus sofrimentos quanto em suas alegrias e pequenas vitórias.

¹³⁸ Apud METAXAS, 2011, p. 156.

¹³⁹ BONHOEFFER, 2004, p. 25.

¹⁴⁰ BONHOEFFER, 2004, p. 26.

¹⁴¹ Citado por BONHOEFFER, 2004, p. 45.

¹⁴² BONHOEFFER, 2005, p. 3.

Jesus, no momento em que reúne seus escolhidos no monte das beatitudes, o faz para um ensinamento que aponta para o reino dos céus e o caminho para a felicidade. Ele chama seus discípulos de bem-aventurados por se tornarem carentes e optarem pela renúncia. A partir do momento de suas escolhas, esse ato que os fez pobres, atribulados e famintos, os torna bem-aventurados¹⁴³. O fato de estarem totalmente submissos a Cristo e atentos ao chamado, e por abandonarem suas vidas seculares, os torna verdadeiros discípulos voluntários, recebendo a promessa de Jesus: “Deles é o reino dos céus”.

Ovelhas que estavam perdidas foram encontradas pelo Bom Pastor, como Jesus expressou numa parábola. Pessoas que optaram em seguir pela obediência por uma vida vindoura Jesus chamou individualmente para serem mensageiros das Boas Novas.

Esses mensageiros, ou colaboradores de Cristo, por sua vez, não têm o livre arbítrio de cumprir o chamado a partir de seus critérios. As ordens são dadas pelo Mestre Jesus a fim de que cada um dos discípulos cumpra sua missão conforme a vontade de Deus.

A igreja visível de Cristo neste mundo não se faz somente como um organismo imóvel que tem ouvido ou coração, mas necessita de pessoas dispostas a se entregar a fim de cumprir a vontade de Deus. Bonhoeffer questionou a igreja de sua época:

Uma verdade, uma doutrina, uma religião não exigem espaço próprio. Elas não têm corpo. São ouvidas, estudadas e compreendidas. Isso é tudo. O Filho de Deus feito ser humano, porém, precisa não somente de ouvidos ou corações, mas seres humanos verdadeiros para segui-lo.¹⁴⁴

O próprio Cristo se encarnou neste mundo, ocupou um lugar terreno e com isso ele procurou um espaço entre os seres humanos a fim de que fosse cumprida a vontade de Deus. Após a ascensão de Jesus, a igreja visível deve ser vista no crente. Bonhoeffer escreveu: “visível é que Jesus estava na carne, mas cremos que tomou sobre si nossa carne”¹⁴⁵.

¹⁴³ BONHOEFFER, 2004, p. 59

¹⁴⁴ BONHOEFFER, 2004, p. 159.

¹⁴⁵ BONHOEFFER, 2004, p. 159.

A escritura sagrada mostra que Jesus Cristo busca para si um espaço para o evangelho no mundo. Sua presença é viva mediante a Palavra e o sacramento da *ecclesia*. Esta igreja tem como objetivo minar o mundo a fim de conquistar espaço para Cristo e assim ser visível e atuante através da *ecclesia* ou comunhão dos crentes. Bonhoeffer escreveu:

Quem pertence ao corpo de Cristo está liberto do mundo e foi chamado para fora do mundo; isso deverá torna-se notório ao mundo, não apenas pela comunhão do culto e da ordem eclesiástica, mas também através da nova comunhão da vida fraternal.¹⁴⁶

O crente somente poderá demonstrar ao mundo sua filiação a Cristo mediante a igreja visível. Para isso, o crente deve permanecer no mundo em meio aos inimigos a fim de confrontá-los no amor de Cristo. Paulo de Tarso, após sua conversão, permaneceu entre os gentios a fim de ser visível como igreja aos crentes. Em Atos 17.15 Paulo demonstra em Atenas, em meio aos idólatras, seus argumentos, procurando proclamar o evangelho e tornar visível a igreja de Cristo como mencionado por Bonhoeffer.

Para Bonhoeffer, a “igreja é o Cristo que existe como comunidade”¹⁴⁷. Ele afirma que a igreja é o corpo de Cristo como um órgão vivo, perceptível aos que a buscam. Ele visava a relacionar a igreja e a atuação social como ocorreu mais a frente em uma aliança mundial chamada “ação fraterna das igrejas”, objetivando o socorro e a paz¹⁴⁸.

Essa ação fraterna da igreja cristã como defendida por Dietrich Bonhoeffer certamente contrariava os princípios arianos. Várias vezes ele teve o privilégio de participar de “igrejas de negros”¹⁴⁹, algo notável para ele, confirmando assim a comunhão fraterna da igreja, conforme Romanos 2.11: “Porque para Deus não há acepção de pessoas”.

Quando estive no sul dos Estados Unidos, fazia questionamentos sobre a questão racial que era tão combatida pelo *Führer*. “A separação de brancos e negros nos estados do Sul causa uma impressão marcante de vergonha [...]”¹⁵⁰.

¹⁴⁶ BONHOEFFER, 2004, p. 167.

¹⁴⁷ Apud MILSTEIN, 2006, p. 21.

¹⁴⁸ MILSTEIN, 2006, p. 31.

¹⁴⁹ METAXAS, 2011, p. 121.

¹⁵⁰ Apud METAXAS, 2011, p. 128.

Essa divisão racial na comunhão, principalmente na igreja, sob a visão bíblica e de Dietrich Bonhoeffer, era totalmente anticristã. Ele escreveu:

O modo como os sulistas falam sobre os negros é algo repugnante, e nesse sentido os pastores não são melhores do que os outros. [...]. É irritante saber que, num país com tantos slogans sobre fraternidade, paz e assim por diante, coisas desse tipo se mantenham incorrigíveis.¹⁵¹

Bonhoeffer, de fato e coerentemente, realizou na sua vida prática aquilo que escreveu. A vivência da sua espiritualidade é percebida nos textos e nas suas atitudes, assim como em sua postura ética cristã. Há coerência entre obra e autor que inspiram cristãos de todos os lugares do mundo ainda hoje.

¹⁵¹ Apud METAXAS, 2011, p. 128.

3 O DESAFIO DA CONTEMPORANEIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DE BONHOEFFER PARA UMA VIVÊNCIA ÉTICA ESPIRITUAL RENOVADA NOS DIAS DE HOJE

Dietrich Bonhoeffer, através de sua convicção e devoção cristã, se manteve firme diante das agruras do mundo, tornando-se um exemplo de como viver a ética cristã num tempo sombrio. Neste capítulo demonstraremos que Dietrich Bonhoeffer, através de sua convicção de fé, pode inspirar a pessoa cristã dos dias de hoje a buscar a liberdade que Cristo promete.

Nos dias atuais, problemas têm sido vivenciados dentro da realidade religiosa, mais precisamente cristã. Pessoas têm esmorecido e até abandonado suas convicções cristãs, que Bonhoeffer tanto perseverou em ensinar e viver. Ele enfrentou situações extremamente adversas na sua vida, sofreu, teve dúvidas, mas acabou por ser modelo de fé na contemporaneidade.

Com origem burguesa, ultrapassou limites que aparentemente seriam quase impossíveis ao ser humano. Jesus disse sobre o jovem rico (Mateus 19.24): “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. No entanto, Bonhoeffer superou. Superou as crises existentes nas mais profundas agruras de uma guerra existencial. Quando jovem, suportou a morte de seu irmão ainda na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, suportou o abandono e a solidão. Suportou ainda a rejeição eclesiástica devido à instalação do bispo do império.

Em sua vida espiritual pode seguir o processo da fenomenologia do itinerário espiritual que Jean-Yves Leloup e Leonardo Boff descrevem em “Terapeutas do deserto”¹⁵². Entendemos aqui que tal fenomenologia pode ser comparada ao poema de Dietrich Bonhoeffer “Estações no caminho para a Liberdade”, mencionado no capítulo anterior, que apresenta estágios de sua vida espiritual a fim de alcançar com profundidade os propósitos de Deus.

Em “Terapeutas do deserto” são destacados sete degraus como referenciais de espiritualidade que, dentro das tradições dos antigos terapeutas como Graf Dürkheim analisa, se reconhecem como etapas peculiares, as quais, em analogia à vida espiritual de Dietrich Bonhoeffer, servirão neste trabalho de base para o desafio cotidiano da vida cristã contemporânea.

¹⁵² LELOUP, Jean-Yves. BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto*: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürkheim. Petrópolis: Vozes, 2013.

A obra apresenta as seguintes etapas: experiência com o Numinoso, a *metanoia*, as consolações, a dúvida, a passagem pelo vazio, o estado de transformação e o retorno à vida cotidiana¹⁵³.

3.1 Primeira etapa: a experiência com o Numinoso

Como todo processo, sempre haverá o primeiro passo a ser galgado. Esse primeiro contato fenomenológico sempre trará fascinação porque desvenda nossa verdadeira identidade através do que realmente emite luz, porém, também trará medo, pois questiona o modo habitual de viver do ser humano. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 8.12). A experiência com o Numinoso se apresenta de várias formas, conforme a crença de cada pessoa¹⁵⁴. Para Martinho Lutero, a espiritualidade se fundamentou inicialmente na meditação do texto bíblico, bem como em outros assuntos pertinentes à vida da igreja¹⁵⁵. No caso de Dietrich Bonhoeffer, se apresentou como sagrado na leitura e na canção bíblica. Ainda criança, a mãe assumia o ensino religioso através da leitura da bíblia bem como sua atividade na música. Esta educação fez de Bonhoeffer um bom pianista.

Também esse encontro pode ocorrer através do sofrimento, solidão ou até na proximidade com a morte, como descreve Leloup¹⁵⁶. No período da Primeira Guerra mundial, diante das inúmeras baixas, Dietrich Bonhoeffer imagina-se morto a ponto de mais tarde escrever: “gostaria de morrer jovem, de uma morte piedosa bonita. Todos deveriam ver e sentir que a morte não é horrível, mas sim bonita para quem crê em Deus”¹⁵⁷. A partir daí começou a ficar mais envolvido com as coisas relacionadas a Deus, com temas religiosos.

¹⁵³ LELOUP; BOFF, 2013, p. 18.

¹⁵⁴ O conceito de “numinoso” se refere à obra de Rudolf Otto *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011. Mesmo não aprofundando aqui a visão desse autor, é importante fazer referência a ela, embora sigamos aqui o caminho aberto pela obra *Terapeutas do deserto*. Para Otto, o Sagrado é a designação para a experiência do Numinoso. Não se pode explicar/conceituar a experiência e o sentimento de espiritualidade uma vez que se trata do arrepiante/*tremendum*, avassalador/*majestas*, energético e mistério, ou seja, é totalmente outro/incompreensível e inconcebível. Em linhas gerais, trata-se da vivência com o Sagrado, vivência que não pode ser explicada, mas “vívida”.

¹⁵⁵ LIVRO DE CONCÓRDIA. *As confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 30.

¹⁵⁶ LELOUP; BOFF, 2013, p. 18.

¹⁵⁷ Apud MILSTEIN, 2006, p. 15.

Pode-se notar que Dietrich Bonhoeffer estava tendo um encontro com o Numinoso, como afirma Leloup. Pouco sabia sobre Cristo, e aos dezoito anos teve contato com a Igreja de Roma, onde pôde verificar a diversidade cultural e com certa harmonia dentro de um mesmo espaço. Escreveu na época o seguinte: “acho que estou começando a entender o conceito de igreja”¹⁵⁸.

Infelizmente, na secularização da igreja esse encontro com o Numinoso ficou bem distante daquilo que realmente foi proposto pelos terapeutas à religião concreta. Pessoas têm buscado esse encontro de forma leviana e superficial devido ao pluralismo cultural que afeta de forma direta a fé na realidade e presença de Jesus. Há uma disputa entre as igrejas em mostrar às pessoas quem tem mais devoção¹⁵⁹. E isso faz com que os indivíduos no início da caminhada de fé olhem mais para pastores e líderes do que para Jesus, buscando assim doutrinas que lhes convêm. 1 João 1.18 menciona justamente sobre esses pastores que foram reconhecidos por João como quem não pertencia ao rebanho de Cristo, somente tinham o objetivo afastar as ovelhas do Senhor.

A “confusão espiritual não é novidade”¹⁶⁰, menciona McDermott, e isso interrompe o processo do aprimoramento da espiritualidade mencionado pelos terapeutas. Dietrich Bonhoeffer, na sua vida cristã, também se deparou com situações semelhantes, por exemplo, diante da Lei Ariana estabelecida por Hitler. Ao falar a respeito do posicionamento da verdadeira igreja de Cristo, muitos pastores se levantaram contra as suas convicções éticas e espirituais¹⁶¹. Preferiram permanecer a favor de um governo contrário à ética cristã e isso acabou acarretando no desencorajamento do processo espiritual de muitas pessoas, afastando-as da experiência do Numinoso. Bonhoeffer percebeu a questão e escreveu:

Em lugar de Deus, o ser humano enxerga a si mesmo. [...]. O ser humano reconhece-se em sua desunião em relação a Deus e ao seu semelhante. Reconhece que está nu. Sem proteção, sem a cobertura que Deus e o outro significam, ele sente-se exposto.¹⁶²

¹⁵⁸ Apud MILSTEIN, 2006, p.19.

¹⁵⁹ MCDERMOTT, Gerald R. *12 sinais da verdadeira espiritualidade*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 17.

¹⁶⁰ MCDERMOTT, 2011, p. 16.

¹⁶¹ MILSTEIN, 2006, p. 38.

¹⁶² BONHOEFFER, 2009, p. 17.

Com toda essa confusão, pessoas vêm a cada dia se distanciando daquele que deveria nortear o crente, agem contrariamente ao que Paulo de Tarso defende, quando desafia a sermos imitadores de Cristo.

Conforme pesquisas elaboradas em 1988 pelo Instituto Gallup, a confiança era maior em líderes religiosos do que em profissionais de qualquer área; entretanto, estes dados mudaram, e em 1993, o líder religioso ocupava o quarto lugar em confiabilidade. Isso quer dizer que há um crescente desencanto com o sistema religioso de modo generalizado.

Tanta confusão envolve o sistema religioso que, por isso, o crente deve ter convicção a quem serve. Dietrich Bonhoeffer, mesmo em meio ao sofrimento e perseguição, não tinha dúvidas de sua espiritualidade, continuava sua busca pelo Numinoso.

Este primeiro processo é fundamental, é como o primeiro degrau de uma longa escalada; se não passar por ele não há possibilidade de chegar a um objetivo esperado. O sofrimento faz parte dessa primeira etapa. Tiago 1.2s diz: “tende por motivo de grande alegria o passardes por provações, sabendo que a prova de vossa fé desenvolve a perseverança”, o que indica que na vida cristã o sofrimento é uma constante. E quem o evita, pode estar se afastando da fé.

Dietrich Bonhoeffer, na escalada ao Numinoso, no início de seu ministério, pedia a Deus mais fé a fim de suportar as estações a caminho da liberdade. Em um de seus poemas, “Por Bons Poderes”, ele expressa pela fé sua espiritualidade diante a solidão e sofrimento:

[...] O antigo nosso coração ainda tortura
E o farto de maus dias nos traz amarguras.
Senhor, dá a nossas almas assustadas
A salvação para a qual foram criadas

Se nos estendes o cálice pesado e amargo
Do sofrimento, cheio até a borda,
Nós o tomaremos gratos e sem tremor
Das tuas mãos plenas de bondade e amor

Faz com que chamejem as velas cálidas e claras,
Que tu mesmo trouxeste para as nossas trevas.
Permite, se possível, que outra vez nos encontremos!
É a tua luz que brilha na noite, bem o sabemos [...].¹⁶³

¹⁶³ BONHOEFFER, 2015, p. 556.

3.2 Segunda etapa: a *metanoia*

Este processo se resume basicamente na mudança de consciência e mudança de vida. Quando o ser humano é tocado pelo Numinoso ele não mais consegue viver da mesma forma que vivia. Sua tendência é mudar os hábitos, começar a neutralizar as práticas pecaminosas e praticar os ensinamentos de Jesus.

Somente através da experiência com o Numinoso é que o ser humano pode mudar sua natureza interior. McDermott menciona em sua obra a respeito de pessoas que vivem presas aos vícios e cuja existência se dá em virtude dessa batalha quase sem fim. Em Efésios 4.22-24 encontramos algo dessa experiência:

No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

Esse processo também foi desafiador para Dietrich Bonhoeffer. Ele precisou desmoronar seus paradigmas quanto ao trato com as pessoas. Quando ainda jovem, tinha uma visão deturpada e rasa quanto ao cristianismo; mas a partir da morte de seu irmão na Primeira Guerra, chegou a reflexões decisivas quanto à vida e isso fez com que escolhesse aprender mais das coisas de Deus. Optou em estudar teologia¹⁶⁴. Foi contra o desejo de sua família, que queria que ele seguisse uma carreira promissora. No entanto, decidiu estudar a Palavra de Deus, se tornando um guia espiritual.

A função de um guia espiritual, segundo Leloup e Boff, não tem somente a função de escutar, compreender e interpretar o ser humano, mas também dar ferramentas para que o ser humano possa retomar a experiência inesperada e integrá-lo ao convívio com outras pessoas. Dietrich Bonhoeffer, ao assumir o trabalho de pastor e docente, foi designado para conduzir um grupo de confirmandos que o pastor local não conseguia disciplinar; eram até chamados de “selvagens”¹⁶⁵. Sua dinâmica fez com que estes jovens o respeitassem, bem

¹⁶⁴ MILSTEIN, 2006, p. 16.

¹⁶⁵ MILSTEIN, 2006, p. 28.

com se tornassem discípulos [de Bonhoeffer ou de Cristo?]. Ele tinha um cuidado especial com cada um desses. Certa vez, ocorreu-lhe de chegar atrasado na sala de aula, algo que nunca lhe havia acontecido. Porém, de imediato, se justificou com a seguinte explicação: “Um dos meus jovens está à beira da morte e eu queria conversar mais uma vez com ele. Eu tinha que fazer isso”¹⁶⁶. A função de um guia espiritual é praticar o amor fraterno a fim de que justifique a mudança de comportamento nas pessoas que o cercam. Referindo-se a 1 Coríntios 13, um hino sobre o amor, Bonhoeffer escreveu:

Aqui se diz a palavra-chave na qual se distinguem o ser humano na dissensão e o ser humano na origem: o amor. Há um conhecimento de Cristo, uma poderosa fé em Cristo, há uma mentalidade e dedicação de amor até a morte – sem amor. É isso aí. Sem esse “amor” tudo se desfaz e é reprovável; dentro desse amor tudo está unido e é agradável a Deus.¹⁶⁷

A aplicação prática pessoal como ferramenta para demonstrar o itinerário, ou seja, o caminho a seguir, o ser humano pode buscar em um guia a fim de reencontrar o centro da vontade do Numinoso. Dietrich Bonhoeffer, menciona que devemos ser “pequenos cristos”¹⁶⁸ a fim de dar um norte às pessoas.

Bruseke afirma que a *metanoia* está “[...] integrada na expectativa de sete bilhões de indivíduos, habitantes dessa terra, de sobreviver à crise global que se anuncia exige demais de cada um. Dessa maneira se iguala ao ideal da *imitatio christi* ou do *moksha-ideal* da Índia antiga”¹⁶⁹. Ou, nas palavras de Bonhoeffer, tornar-se “pequenos cristos”, algo que ele aprendeu de Lutero.

McDermott destaca a vida de Agostinho, que tinha uma vida prostrada à sexualidade e por muitas vezes havia tentado se livrar por conta própria, mas sem sucesso, até que pela graça de Deus pôde fazê-lo. A transformação espiritual sincera ocorre de dentro para fora, ou seja, como um nascer de novo¹⁷⁰. Agostinho tem sido uma fonte inspiradora para muitos na contemporaneidade.

¹⁶⁶ Apud MILSTEIN, 2006, p. 28.

¹⁶⁷ BONHOEFFER, 2009, p. 35.

¹⁶⁸ BONHOEFFER, 2005, p. 3.

¹⁶⁹ BRUSEKE, Franz J.. Uma vida de exercícios: a antropotécnica de Peter Sloterdijk. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 163-174, Feb. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 Nov. 2016.

¹⁷⁰ MCDERMOTT, 2013, p. 171.

Na década de 1980, a mídia de modo geral fez várias divulgações sobre relatos de pregadores envolvidos com a pornografia, que pagavam por sexo. Desviavam dinheiro das ofertas e dízimos para si, bem como mentiam descaradamente. A Igreja Católica Romana, em 1990, foi sacudida por denúncias de sacerdotes envolvidos com pedofilia¹⁷¹. Assim acontece nos dias atuais, líderes evangélicos envolvidos com corrupção e mentiras, fazendo com que pessoas tropecem no itinerário espiritual. Como se pode tomar conhecimento em notícia recentemente publicada:

A Justiça da 2ª Vara Criminal de Vila Velha aceitou, nesta quarta-feira (13), a denúncia contra 19 pastores e membros da Igreja Cristã Maranata. Entre eles, está o fundador e presidente da instituição, Gedelti Victalino Teixeira Gueiros. É a segunda vez que a denúncia é confirmada pela Justiça Estadual. Todos foram acusados, em ação penal do Ministério Público Estadual (MP-ES), por crimes de estelionato, formação de quadrilha e duplicata simulada (nota fiscal fria).¹⁷²

Jesus já alertara para estes desvios da fé verdadeira, como vemos em Mateus 18.6s:

Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo.

Para que haja a *metanoia*, é necessário compreender a questão da “liberdade” que Dietrich Bonhoeffer menciona em seu poema “Estações no caminho para a liberdade.” Jesus disse: “Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer de novo, não pode entrar no reino dos céus. [...]. O que é nascido da carne, é carne, mas o que é nascido do Espírito, é espírito” (João 3.3;6).

¹⁷¹ MCDERMOTT, 2013, p. 16.

¹⁷² FERNANDES, Vilmar. Justiça aceita denúncia contra 19 pastores e membros da Maranata. *Portal G1*, Espírito Santo, 13 de abril de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/04/justica-aceita-denuncia-contr-19-pastores-e-membros-da-maranata.html>. Acesso em 20 out. 2016.

Visando a vontade de Deus no itinerário com o Numinoso, há que se refletir constantemente em como ser melhor. Dietrich Bonhoeffer se indagava: “Como me tornarei bom?” e “ Como farei algo de bom?”¹⁷³

Exercendo na prática a mudança de mente, Bonhoeffer menciona Efésios 5.8ss sobre o que fazer: “Age como filho da luz – examinando o que é agradável ao Senhor”. Isso o levou a decidir entre uma vida junto à sociedade e sem conflitos diretos e concretos, que a Guerra condicionava, ou se atirar de corpo e espírito àquilo que Jesus ensinou: “abrir a boca em favor daquele que não pode falar”¹⁷⁴. Em viagem aos Estados Unidos teve a oportunidade de permanecer no país e não retornar ao confronto que havia na sociedade alemã. Porém, a partir de 2 Timóteo 4.21, quando Paulo disse a Timóteo que deveria voltar antes do inverno, Bonhoeffer foi instigado a voltar para o confronto com o sistema que dominava seu país e se refletia na situação dramática vivida pela igreja evangélica. Escreveu ele:

[...] Não conseguimos nos livrar do desafio. Não que sejamos necessários ou que seremos usados (por Deus), mas simplesmente porque nossa vida está lá e porque abandonamos nossa vida, a destruimos, se não estivermos juntos. Não é nada de piedoso, mas, algo quase vital. Deus, porém, não age somente por meio de motivações piedosas, mas também por meio das vitais.¹⁷⁵

Na contemporaneidade somos desafiados a mudar também diante de uma situação não de guerra declarada, mas silenciosa, que está mudando a sociedade, invertendo os valores sólidos para valores líquidos, no entender de Zygmunt Bauman. Não há mais estabilidade de valores e nem dos modos de vida cultural e político, mas mutabilidade constante. As relações humanas não são mais percebidas e a vida comunitária perde consistência, dando lugar ao consumismo e ao individualismo¹⁷⁶. Diante dessa liquidez, qual a alternativa proposta pela fé cristã?

¹⁷³ BONHOEFFER, 2009, p. 121.

¹⁷⁴ MILSTEIN, 2006, p. 56.

¹⁷⁵ Apud MILSTEIN, 2006, p. 63.

¹⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

3.3 Terceira etapa: as consolações

Leloup e Boff descrevem as consolações como sendo experiências gratificantes. A pessoa, quando é preenchida pelas consolações, é tomada de paz abundante, uma paz que ultrapassa qualquer limite humano¹⁷⁷. Jesus menciona algo sobre essa mesma paz em João 14.25-27:

Tenho vos dito isso, estando convosco. Mas o consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá.

Dietrich Bonhoeffer, diante da tribulação sem data para terminar, sabia que o esperava algo pior. Quando a caminho do palco, onde se daria seu fim terreno, dentro de um furgão, o temor o cercava. Mesmo em meio ao medo, porém, confiava na ação de Deus através das consolações a fim de suportar as agruras e ainda ajudava outros prisioneiros a suportar e encontrar as consolações.

Silva destaca que a dor do sofrimento deve ser vencida pela vontade¹⁷⁸. Essa vontade é característica de Bonhoeffer. Mas no caso de Bonhoeffer, é uma vontade impulsionada pela fé. Falconer escreveu para Leibholz, em Oxford, sobre Dietrich Bonhoeffer no período de confinamento: “Durante o tempo que convivemos, Bonhoeffer esteve muito feliz e realizou grandes esforços para manter alguns dos irmãos mais fracos longe da depressão e ansiedade [...]”¹⁷⁹. Ele conseguia aplicar o que os terapeutas diziam sobre a ação consoladora: “[...] é preciso acolher esses momentos (experiências) gratificantes com gratidão”¹⁸⁰. Na verdade, são esses momentos e a maneira como os vivenciamos que fortalecem a fé da pessoa.

Em meio à turbulência contemporânea, de mudanças de valores conforme analisado por Bauman, a relação com o Numinoso também se dá cada vez menos sólida. Bonhoeffer retratou bem tal situação quando escreveu sobre a

¹⁷⁷ LELOUP; BOFF, 2013, p. 21.

¹⁷⁸ SILVA, Paulo José Carvalho da. O ideal da consolação e a paixão pela morte. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 146-154, mar. 2007. p. 149. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000100146&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 nov. 2016.

¹⁷⁹ Apud METAXAS, 2011, p.567.

¹⁸⁰ LELOUP; BOFF, 2013, p. 21.

graça barata, a partir da qual pessoas trocam o Criador por seu próprio egoísmo. Esse egoísmo hoje é o individualismo e o consumismo. A religião é uma experiência para si, enquanto indivíduo, e não enquanto comunidade; muitas vezes, ainda, como um produto a ser consumido (diante do “mercado da fé”).

As experiências rumo ao Numinoso, quando tomado de forma responsável, geram uma ação motivadora de entrega a Deus. O ser humano consegue se enxergar na forma de dependente, mas libertado, ao mesmo tempo. Através das consolações o ser humano é capaz de suportar tais dores, não porque ele é forte, mas porque o consolador traz o alívio e o socorro.

A pessoa, quando encontra em seu interior a etapa das consolações, sempre estará com esperança viva; como a luz do sol, saberá que algo está na condução do seu ser, independente do resultado. Assim foi com Dietrich Bonhoeffer:

Jazi nas trevas, a morrer,
Foste o meu sol radioso ,
Sol que me veio conceder
Luz, vida, paz e gozo.
Ó sol radioso, tua luz
Acende a minha fé, Jesus;
Quão belos são teus raios!¹⁸¹

3.4 Quarta etapa: a dúvida

Este é um processo que muitos cristãos enfrentam ao longo de sua vida espiritual. A dúvida surge em várias situações. Pedro seguiu a Cristo por mais de três anos, viu todas as obras do seu mestre, presenciou as curas, viu a multiplicação dos pães e, no entanto, na hora mais crucial, surgiu a dúvida, negar ou não a Cristo. Conhecemos sua história e como Cristo o perdoou após a ressurreição.

É nesta fase que se saberá se a pessoa está no itinerário correto, como afirmam Leloup e Boff, quando se verifica a profundidade das raízes da convicção. É diante das dúvidas que se analisará se a experiência espiritual fez com que o ser humano se tornasse realmente firmado na fé inabalável. É quando se constata se essas experiências não eram apenas um momento de

¹⁸¹ BONHOEFFER, 2015, p. 241.

apego, um estado de consciência particular ao que damos o nome de Deus ou outro nome¹⁸².

Pode-se afirmar que o mesmo aconteceu com Dietrich Bonhoeffer durante seu ministério. Houve situações em que, diante da dúvida, a experiência espiritual foi o diferencial para reafirmar sua convicção de fé. Em um momento de sua vida, devido aos muitos sofrimentos, passou por sua cabeça tirar a própria vida. Para ele, o ser humano, ao contrário do animal irracional, tem a liberdade de aceitá-la ou retirá-la, no entanto, o ser mortal deve arremeter-se para além de sua própria existência, havendo de compreender que sua vida física deve ser vista como “[...] dádiva a ser cultivada e como sacrifício a ser oferecido”¹⁸³. E tal experiência é radical.

O momento de solidão faz com que todo crente se sinta só, isolado e desamparado. Com Dietrich Bonhoeffer não foi diferente. Mesmo no devaneio de sua mente, ele sabia de sua convicção: “O suicida torna-se culpado somente diante de Deus, o Criador e Senhor de sua vida. O suicídio é condenável como pecado da falta de fé por haver um Deus vivo”¹⁸⁴. E ainda assim, mesmo esta pessoa fica entregue à misericórdia de Deus.

Leloup e Boff mencionam a respeito do itinerário fenomenológico da dúvida nos seres humanos: “Talvez todo este caminho que eu fiz até agora, todas essas práticas contemplativas e meditativas sejam apenas ilusões. Talvez o que eu chame de grande amor seja somente uma modificação dos meus hormônios”¹⁸⁵.

Esse fator tem contribuído, infelizmente, para que muitos crentes abandonem suas crenças. Eles têm dúvidas de suas próprias experiências, não sabendo dizer se são genuínas. A verdade é que pouquíssimos crentes sabem, de fato, o que Jesus representa, aliás, não sabem nem de fato quem ele é. Dietrich Bonhoeffer escreveu um poema sobre si, demonstrando a dúvida existencial e o que o sustentou em meio a esta dúvida:

Quem sou eu?
 Quem sou eu? Seguidamente me dizem
 Que deixo a minha cela
 Sereno, alegre e firme

¹⁸² LELOUP; BOFF, 2013, p. 22.

¹⁸³ BONHOEFFER, 2009, p. 106.

¹⁸⁴ BONHOEFFER, 2009, p. 107.

¹⁸⁵ LELOUP; BOFF, 2013, p. 22.

Qual dono que sai de seu castelo.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
Que falo com os que me guardam
Livre, amável e com clareza
Como se fosse eu a mandar.

Quem sou eu? Também me dizem
Que suporto os dias do infortúnio
Impassível, sorridente e altivo
Como alguém acostumado a vencer.

Sou mesmo o que os outros dizem a meu respeito?
Ou sou apenas o que sei a respeito de mim mesmo?
Inquieto, saudoso, doente, como um pássaro na gaiola,
Respirando com dificuldade, como se me apertasse a garganta,
Faminto de cores, de flores, do canto dos pássaros,
Sedento de palavras boas, de proximidades humana,
Tremendo de ira por causa da arbitrariedade e ofensa mesquinha,
irrequieto à espera de grandes coisas,
Em angustia impotente pela sorte de amigos distantes,
Cansado e vazio até para orar, para pensar, para criar,
Desanimado e pronto para me despedir de tudo?

Quem sou eu? Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou ambos ao mesmo tempo? Diante das pessoas um hipócrita?
E diante de mim mesmo um covarde queixoso de desprezível?
Ou aquilo que ainda há em mim será como um exército derrotado, que
foge desordenado à vista da vitória já obtida?

Quem sou eu? O solitário perguntar zomba de mim.
Quem quer que eu seja, ó Deus, tu me conheces,
Sou teu.¹⁸⁶

Leloup e Boff escreveram que a fé que não é defrontada pela dúvida nada tem a ver com a fé bíblica, nada mais é que apenas um ato de crença pertencente a uma determinada sociedade; porém, não chega a ser experiência. Entretanto, a fé que passa pela etapa da dúvida, mesmo sem notá-la, é aderida ao ser.

A dúvida é frequente, por exemplo, em casos de doença. Batista, em estudo acerca da presença do Sagrado em momentos de crise, destaca o seguinte e que pode nos ajudar nessa reflexão:

O indivíduo [...] se depara com situações de conflito, conscientes e inconscientes, dúvidas ao reconhecer a fragilidade humana, com isso, o indivíduo passa a manejar este fato através da necessidade de se vivenciar uma experiência religiosa onde desperta sentimentos de

¹⁸⁶ BONHOEFFER, 2015, p. 468.

alegria, de paz, de poder e, também, o sentimento de estar ligado a alguma coisa que é maior que o homem.¹⁸⁷

Se, por um lado, há dúvida em relação ao Numinoso, quando em crise de outra ordem, como doença, por exemplo, o Numinoso não é mais dúvida, mas certeza. O mesmo autor enfatiza:

A proximidade da morte angustia o ser humano, o qual busca, no transcendente, através da experiência religiosa, algo que legitime a situação em que se encontra. Enfrenta-se o medo do caos, munidos de orações, rezas, rituais, promessas e objetos hierofânicos; portanto, a interpretação religiosa da doença e morte ultrapassa as barreiras da matéria.¹⁸⁸

Entre pastores também há sofrimento, dúvidas, que levam a abandonar o ministério, como pesquisa recente o revelou:

O Instituto Francis Schaeffer [...] revelou que [...] cerca de 1,5 mil pastores têm abandonado seus ministérios todos os meses por conta de desvios morais, esgotamento espiritual ou algum tipo de desavença na igreja. Numa pesquisa da entidade, 57% dos pastores ouvidos admitiram que deixariam suas igrejas locais, mesmo se fosse para um trabalho secular, caso tivessem oportunidade. E cerca de 70% afirmam sofrer depressão [...].¹⁸⁹

Há dúvidas para todos, conflitos para todos, que levam ao vazio existencial. São, novamente, os desafios da modernidade líquida. Diante desse vazio existencial, qual a resposta da fé e da experiência espiritual?

3.5 Quinta etapa: a passagem pelo vazio

No grego, a palavra aparece como *kenosis* e representa uma espécie de aniquilamento, ou seja, condição de abatimento ou perecimento. Quando um ser começa a atravessar este vácuo, a proposta é discernir se é um estágio de depressão ou de transformação, conforme mencionam os terapeutas. Muitas

¹⁸⁷ BATISTA, Miranildes de Abreu. Presença do sagrado em um momento crítico: internação em uma Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 57, n. 5, p. 579-585, outubro de 2004. p. 582. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2016

¹⁸⁸ BATISTA, 2004, p. 585.

¹⁸⁹ SANTOS, Marcelo. Vocação em xeque. *Revista Cristianismo Hoje*. ano 5, ed. 28, p. 18-22, abril/maio 2012. p. 20.

peças mencionadas na Bíblia passaram por este estágio a fim de cumprir, segundo os terapeutas, o itinerário de lapidação espiritual. Moisés, homem que cresceu num palácio egípcio com toda educação e cultura local, viveu um momento crítico que o transformou. Deus o confrontou no vazio do deserto, para lapidá-lo; sua sabedoria foi forjada no deserto. Quando ele foi conduzido para o vazio, encontrou um estágio de solidão; para ele parecia o fim, no entanto, era apenas o começo do que Deus tinha preparado para ele. Foi lá que foi confrontado pelo Criador, lá encontrou o “Deus da segunda chance”¹⁹⁰ ou de outras chances (Provérbios 24.16).

Dietrich Bonhoeffer de forma semelhante foi conduzido por Deus a este estágio de solidão e desprezo. Homem de vida farta e regalada, viajado por muitos países, enfrentou o itinerário da solidão. Seu espaço era uma cela de dois metros por três, sua única visão era um espaço que causava nojo, seu alimento atirado ao chão, seu isolamento quase total. Através da parede só ouvia sussurros e gritos. O vazio e o pavor o rodeavam. Certa vez escreveu em um pedacinho de papel: “Suicídio, não por convicção, mas porque no fundo eu já estou morto, ponto final, fim da linha”¹⁹¹.

Neste estágio muitos crentes pensam em desistir de suas convicções; alguns pensam mesmo em entregar-se à morte. Em 2013, vários líderes religiosos norte-americanos atentaram contra a própria vida, segundo o já mencionado Instituto Schaeffer (ligado às igrejas)¹⁹². Nota-se que na contemporaneidade este problema existencial tem avançado nas igrejas. E outras pesquisas alertam para o alto índice de suicídio entre jovens no Brasil.

Bonhoeffer seguiu preso por três anos e cinco dias, sentiu-se num buraco como José do Egito, quando foi jogado por seus irmãos num poço, ou quando foi encarcerado injustamente. Num exercício de especulação, as reflexões sobre José podem ter minado os pensamentos de Dietrich Bonhoeffer.

Segundo os terapeutas, é nesse processo de vacuidade que se dá valor à alteridade do ser, é daí que se experimenta um novo nascimento¹⁹³. Um poema,

¹⁹⁰ LUTZER, Erwin W. *Mais perto de Deus: Lições da vida de Moisés*. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 16.

¹⁹¹ Apud MILSTEIN, 2006, p. 7.

¹⁹² SANTOS, 2012, p. 20.

¹⁹³ LELOUP; BOFF, 2013, p. 23.

“Vozes Noturnas”, escrito por Dietrich Bonhoeffer durante este estágio de solidão que vivenciou, apresenta em três estrofes o seu espírito na ocasião:

Noite e silêncio. Escuto.
Só os passos e gritos dos guardas,
O riso distante, contido de um casal de namorados.
Nada mais se ouve, dorminhoco preguiçoso?
Ouço minha própria alma tremer e vacilar.
Nada mais?

Ouço, ouço,
Algo como vozes, como clamores,
Gritando pela tábua que irá salvar,
Os mudos pensamentos noturnos
Dos companheiros de infortúnio a velar, a sonhar.
Ouço o ranger inquieto das camas,
Ouço grilhões.

[...]

Jubilai e dizei:
Fidelidade e lei
Para a nova grei!

[...]

Começo a cismar.
Desço até o fundo da escuridão.
Tu, noite cheia de blasfêmia e mal,
Revela-te à minha visão!
Por que e até quando a nossa paciência consumes?
Silêncio longo e profundo;
Então ouço a noite para mim se inclinar:
Tenebrosa não sou eu, tenebrosa é a culpa.¹⁹⁴

Leloup e Boff escrevem que o ser, após atravessar esta etapa, é como um vaso que depois de purificado e limpo foi aberto e que, então, pode dar de beber aos outros¹⁹⁵.

3.6 Sexta etapa: o estado de transformação

Após as cinco etapas, dá-se início ao estágio de comunhão no ser humano. Em Êxodo 3.2 consta: “Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou e viu que a sarça ardia no fogo, mas a sarça não se consumia”. Este texto representa de forma clara o objetivo desse

¹⁹⁴ BONHOEFFER, 2015, p. 470ss.

¹⁹⁵ LELOUP; BOFF, 2013, p. 24.

estágio, ou seja, o fogo e a sarça eram um só elemento em que um não queimava o outro.

Esta etapa é o processo da transformação em que o ser submetido ao sofrimento não é mais consumido, mas iluminado e transformado. As experiências enfrentadas o submetem ao divino. “O fogo não queima o fogo, por isso enquanto o fogo nos queimar é sinal de que ainda o ser não se tornou fogo”¹⁹⁶.

Dietrich Bonhoeffer pôde chegar a este estágio, quando seu sofrimento foi o suficiente para lapidá-lo a ponto de poder olhar para seu sofrimento sob a ótica de Deus e assim saber que qualquer coisa que viesse sobre ele a partir do quinto estágio era suportável e sem tremor. No poema “Por bons poderes” ele expressa sua travessia por este processo:

Por bons poderes fielmente cercado,
Maravilhosamente protegido e consolado-
Assim com vocês estes dias desejo passar
E com vocês também num novo ano entrar.

Se nos estendes o cálice pesado e amargo
Do sofrimento, cheio até a borda,
Nós o tomaremos gratos e sem tremor
Das tuas mãos plenas de bondade e amor.

Quando se espalhar profundo o silêncio,
Faz com que ouçamos aquele som intenso
Do mundo que invisível se estende ao nosso redor,
De todo o teu povo que a ti está rendendo louvor.

Por bons poderes maravilhosamente protegidos,
Esperamos consolados o que nos será trazido.
Deus está conosco de noite e de manhã,
E com toda a certeza a cada novo amanhã.¹⁹⁷

Esta transformação é citada por Paulo, para quem a pessoa cristã pode encontrar a paz que tanto busca, conforme 2 Coríntios 3.18: “Mas todos nós, com o rosto descoberto, refletindo a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”.

Stuart Hall, ao refletir acerca da crise das identidades que vivemos nos dias de hoje, afirma que:

¹⁹⁶ LELOUP; BOFF, 2013, p. 24.

¹⁹⁷ BONHOEFFER, 2015, p. 556s.

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.¹⁹⁸

Hall defende que as identidades modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas. Há uma transformação na contramão da proposta de Leloup e Boff. Infelizmente, em tempos hodiernos, poucos chegarão à fase de superação e lapidação. No tempo de Jesus, a multidão o seguia, e ao mencionar a palavra da salvação que confronta o ser, todos que ali estavam se dispersaram, optaram em não dar início ao itinerário proposto. No entanto, seus verdadeiros discípulos, mesmo diante da dúvida, decidiram segui-lo, conforme João 6.68. “Respondeu-lhes, pois, Simão Pedro: Senhor, para onde iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna”.

Bonhoeffer decidiu segui-lo até o fim, mesmo custando sua própria vida, pois ele compreendeu o que o Senhor diz a respeito da entrega. Jesus entregou-se por todos/as a fim de que tenham o perdão de seus pecados. Da mesma forma, Dietrich Bonhoeffer se entregou por Cristo na condição de reconhecer que foi comprado por um preço alto, pela graça preciosa. Em 1 Coríntios 6.19-20 Paulo escreveu: “Não sois de vós mesmos; fostes comprados por bom preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”.

3.7 Sétima etapa: o retorna à vida cotidiana

Após a sexta etapa, muitas tradições creem que haja outro processo para o retorno à vida secular. Cada ser, após as etapas, segue seus caminhos: trabalho, cidades, etc.

Martins explica que a história é bloqueada pelo capital e pelo poder e isto fez da vida cotidiana

¹⁹⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 7.

[...] o refúgio para o desencanto de um futuro improvável. Os grandes embates pela redenção do gênero humano de suas limitações e misérias estão sendo readaptados a esse novo território da vida e do viver. A sociedade está sendo reinventada [...].¹⁹⁹

Essa reinvenção da sociedade é um desafio permanente. A sociedade sempre está apresentando novidades e cada vez de forma mais rápida, dada a tecnologia em curso. Aliás, tecnologia esta que afeta deliberadamente o cotidiano nas relações sociais. Não é à toa que os indivíduos estão cada vez mais em depressão. Tavares defende que a depressão é o “mal-estar” contemporâneo. Há um “esvaziamento simbólico” da vida em muitos sentidos.²⁰⁰

Com relação ao sofrer, especificamente, percebemos que uma cultura que tende a desprezar as dimensões simbólicas da vida, inerentes a todas as formas de criatividade – estas intrínsecas às possibilidades de enfrentamento de qualquer condição adversa e/ou de sofrimento –, busca, assim, aviltadamente agir nas dimensões do real dos afetos, o que implica um esvaziamento simbólico que redonda infinitamente em torno de um vazio, o que, por sua vez, configura o semblante de um mundo que apreendemos como depressivo.²⁰¹

Nas palavras das psicólogas Daniel e Souza,

Na contemporaneidade, convivemos com diferentes concepções de sujeito. Por um lado, num mundo onde se cultua a produção, a atividade e se pretende o fim da depressão, o sujeito da modernidade, centrado, produtivo e ativo, encontrou seu lugar. Por outro, os espaços para um modo de existência do sujeito do desejo ficaram restritos, porém, ainda existem. É tarefa do profissional preocupado com o humano concebido como atravessado pelo *pathos* e pelo *logos* pensar sobre esses discursos produtores de subjetividades que sofrem e produzem sofrimento e lhes oferecer um lugar.²⁰²

Desta forma, a tarefa está em refletir acerca dos ensinamentos das coisas minúsculas durante as etapas dos terapeutas espirituais. O simples ato de doar-se é algo significativo.

¹⁹⁹ MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998. p. 1. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2011/08/Jose-Souza-Martins-Senso-Comum-Vida-Cotidiana.pdf>. Acesso em 30 out. 2016.

²⁰⁰ TAVARES, Leandro Anselmo T. *A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistêcia do sujeito depressivo*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

²⁰¹ TAVARES, 2010, p. 170.

²⁰² DANIEL, Cristiane; SOUZA, Mériti de. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. *Psicol. rev.* Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 117-130, dez. 2006. p. 128. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2016.

Bonhoeffer não teve esta opção de voltar à vida cotidiana, porém, seus escritos têm efeitos significativos na vida diária e contemporânea: “[...] somente de um coração em paz, livre e curado, pode-se realizar algo bom e correto, em minha vivência, tive experiências de todo tipo e oro para que Deus possa nos conceder isso em breve, muito breve”²⁰³.

O acompanhamento para uma consolidação processual é extremamente fundamental até que chegue o dia da “liberdade”. Leloup e Boff comentam: “Nessa marcha passarmos de imagem de nós mesmos, à qual podemos nos apegar, a uma outra imagem de nós mesmos, mais profunda, mais real”²⁰⁴.

Dietrich Bonhoeffer transmite sua imagem através de suas obras que mostram a sua pessoa como um homem de convicções e fé, um “pequeno cristo”²⁰⁵, demonstrado por sua entrega.

Jesus Cristo se fez carne em nosso meio e nele se revela seu ensinamento, seu viver e morrer por todos/as. Deus que veio em forma humana espera de nós que sejamos humanos como imagem dele, assim como foi na criação. Essa transformação não se dá pela força humana. Dietrich Bonhoeffer afirmou, com base em sua experiência espiritual e teológica: “Não somos nós que nos transformamos em imagem de Cristo; é a própria imagem de Deus, a do próprio Cristo que quer tomar forma em nós”²⁰⁶. Na carta aos Gálatas 4.19, Paulo escreveu: “Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós”.

Na contemporaneidade, após todo processo demonstrado, ainda assim, há quem tenha deixado suas convicções de fé. Líderes religiosos têm abandonado a fé devido a diversos fatores, deixando a jornada ministerial inconclusa.²⁰⁷

Bonhoeffer, como pastor, sofreu a dor da solidão e do abandono (2 Timóteo 4.9-11,21), sofreu a dor da ingratidão e da perseguição (2 Timóteo 4.14-16), , sofreu a dor da privação e da resistência (2 Timóteo 4.13-15). No entanto, convicto da fé, alcançou o alvo, venceu na fé. Em Apocalipse 2.7,

²⁰³ Apud METAXAS, 2011, p. 447.

²⁰⁴ LELOUP; BOFF, 2013, p. 25.

²⁰⁵ BONHOEFFER, 2005, p. 3

²⁰⁶ BONHOEFFER, 2005, p. 8.

²⁰⁷ SANTOS, 2012.

encontramos a promessa: “[...] Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus”.

De tudo o que aprendemos com Paulo, com os terapeutas do deserto e com a vida e testemunho de Dietrich Bonhoeffer, fica o grande desafio: “Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as cousas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal” (1 Tessalonicenses 5.19-22).

Deve-se continuar a caminhada secular firme através da fé, mesmo que se caia. Jesus, através do nosso arrependimento, nos levanta novamente, pois sua misericórdia dura para sempre. O pecado, por mais terrível que seja, não pode ser maior que a morte de Cristo na cruz do calvário. Verdadeiramente, ele tomou sobre si todas nossas enfermidades e iniquidades. Por Ele, mediante a fé, o homem caído é levantado; por suas pisaduras fomos sarados para que haja paz (Isaías 53.4-5).

CONCLUSÃO

Dietrich Bonhoeffer viveu as agruras e enormes dificuldades do seu tempo, no caso, o enfrentamento com o nazismo. Foi fiel aos seus princípios e valores e, acima de tudo, coerente com a sua fé. Sua obra é reflexo da sua vida. Sua teoria, portanto, é resultado da sua prática.

Na contemporaneidade vivenciamos as transformações profundas da chamada modernidade, ou, para outros, da pós-modernidade. Independente da nomenclatura, trata-se de um período (e assim se espera, apenas um “período”) de crise de valores e princípios. A consistência deu lugar ao descartável, tanto em produtos como nas relações entre as pessoas.

O nazismo contra o qual Bonhoeffer lutou sobrevive no mundo moderno sob outras formas de um mal sistemático. Distintas formas de fascismo se insinuam no sistema neoliberal que hoje domina o mundo. Mas também o seu testemunho de Jesus Cristo ainda vive. Bonhoeffer continua a desafiar as pessoas e comunidades cristãs a seguir Jesus até a cruz do genuíno discipulado e a ouvir o clamor dos oprimidos.

Nesse sentido, Bonhoeffer, com sua vida e obra, se mostra como modelo de discípulo de Cristo para a contemporaneidade. A ética cristã defendida por Bonhoeffer como modo de vida, por um lado, e a vida de Bonhoeffer, por outro, inspiraram indivíduos a buscar a liberdade que Cristo promete.

Os problemas vivenciados de qualquer ordem encontram em Bonhoeffer alento. Para auxiliar na superação das crises, o itinerário espiritual proposto por Leloup e Boff se mostra eficiente, uma vez que contempla etapas da experiência com o Numinoso, a *metanoia*, as consolações, a dúvida, a passagem pelo vazio, o estado de transformação e o retorno à vida cotidiana como forma de exercitar/reavivar a experiência de profundidade que existe em todo ser humano.

A experiência com o Numinoso se dá de forma individual. A relação estabelecida inicialmente é fundamental para os passos seguintes. A mudança de consciência só é possível a partir da experiência inicial.

Quando da vivência de atribulações, as consolações provêm da certeza do provimento sagrado. Ao se deixar tocar pelo Numinoso e mudar de atitude, a certeza do amparo divino possibilita à pessoa superar, inclusive, as dúvidas e passar pelo vazio existencial.

Chega-se à transformação, em que o ser humano submetido ao sofrimento não é mais consumido, mas iluminado e transformado. Desta forma, passamos de imagem de nós mesmos, a outra imagem de nós mesmos, mais profunda, mais real, conforme a imagem de Cristo. Ou, conforme Bonhoeffer o expressou: “Não somos nós que nos transformamos em imagem de Cristo; é a própria imagem de Deus, a do próprio Cristo que quer tomar forma em nós” ²⁰⁸.

²⁰⁸ BONHOEFFER, 2005, p. 8.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Miranildes de Abreu. Presença do sagrado em um momento crítico: internação em uma Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 57, n. 5, p. 579-585, outubro de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2016
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA de estudo: hebraico e grego. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 10ª ed. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. 7ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. 2ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BRUSEKE, Franz J.. Uma vida de exercícios: a antropotécnica de Peter Sloterdijk. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 163-174, Feb. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 Nov. 2016.
- DANIEL, Cristiane; SOUZA, Mériti de. Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. *Psicol. rev.* Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 117-130, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2016.
- FERNANDES, Vilmar. Justiça aceita denúncia contra 19 pastores e membros da Maranata. *Portal G1*, Espírito Santo, 13 de abril de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/04/justica-aceita-denuncia-contra-19-pastores-e-membros-da-maranata.html>. Acesso em 20 out. 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa século XXI*. Coord. ed. Margarida Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos – 5. ed. V. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: D. Quixote, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELLWIG, Elpídio Carlos. Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). *Cenários urbanos: realidade e esperança*. Desafios às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2014.

JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LELOUP, Jean-Yves. BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIVRO DE CONCÓRDIA. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.

LUTZER, Erwin W. *Mais perto de Deus: Lições da vida de Moisés*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

MALSCHITZKY, Harald. *Dietrich Bonhoeffer: discípulo, testemunha, mártir: Meditações*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2011/08/Jose-Souza-Martins-Senso-Comum-Vida-Cotidiana.pdf>. Acesso em 30 out. 2016.

MCDERMOTT, Gerald R. *12 sinais da verdadeira espiritualidade*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, Marcelo. Vocação em xeque. *Revista Cristianismo Hoje*. ano 5, ed. 28, p. 18-22, abril/maio 2012.

SILVA, Paulo Jos e Carvalho da. O ideal da consola o e a paixão pela morte. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 146-154, Mar. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000100146&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 nov. 2016.

TAVARES, Leandro Anselmo T. *A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.